



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Bárbara Juliana Cunha

**Reminiscências religiosas do México Antigo no México Atual: uma análise da festa  
patronal do Sagrado Corazón de Jesús**

Florianópolis

2022

Bárbara Juliana Cunha

**Reminiscências religiosas do México Antigo no México Atual: uma análise da festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Waldir José Rampinelli  
Coorientador: Prof. Marco Antonio Gutiérrez Martínez

Florianópolis

2022

Cunha, Bárbara Juliana  
Reminiscências religiosas do México Antigo no México  
Atual : uma análise da festa patronal do Sagrado Corazón de  
Jesús / Bárbara Juliana Cunha ; orientador, Waldir José  
Rampinelli, coorientador, Marco Antonio Gutiérrez  
Martínez, 2022.  
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Religiosidade e imaginário coletivo. 3.  
Cosmovisão Indígena. 4. México Antigo. 5. Povos  
originários. I. Rampinelli, Waldir José. II. Martínez,  
Marco Antonio Gutiérrez . III. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em História. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

#### ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezesseis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezesseis horas, na sala cento e dois do bloco f do Centro Socioeconômico – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Waldir José Rampinelli, Orientador e Presidente, pelo Professor Waldomiro Lourenço da Silva Jr, Titular da Banca, e pelo Professor Adriano Luiz Duarte, Suplente, designados pela Portaria nº 30/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Bárbara Juliana Cunha**, subordinado ao título: "Reminiscências religiosas do México Antigo no México Atual: uma análise da festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor Waldir José Rampinelli a nota final **1,0**., do Professor Waldomiro Lourenço da Silva Jr a nota final **1,0**... e do Professor Adriano Luiz Duarte a nota final **1,0**... sendo aprovada com a nota final **1,0**... A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 23 de dezembro de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 16 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Waldir José Rampinelli

Prof. Waldomiro Lourenço da Silva Jr

Prof. Adriano Luiz Duarte

Candidata Bárbara Juliana Cunha



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Bárbara Juliana Cunha ,matricula n.º 17105891, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Reminiscências religiosas do México Antigo no México Atual: uma análise da festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 22 de dezembro de 2022.



Documento assinado digitalmente

Waldir Jose Rampinelli

Data: 22/12/2022 14:35:58-0300

CPF: \*\*\*.008.059-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador(a)

Este trabalho é dedicado a Julieta Cardoso Martínez, quem importantemente me inseriu no maravilhoso mundo mágico sagrado mexicano.

## AGRADECIMENTOS

Realizar um solene agradecimento resulta ser uma tarefa um tanto quanto difícil quando falamos em quase seis anos de graduação, e três de investigação, como é o caso da presente obra. Porém seria ainda mais difícil fechar dito ciclo, caso não o fizesse. Nesse sentido, gostaria de agradecer num primeiro momento a minha família, em especial a minha mãe, quem me deu o dom da vida. Pois para que hoje eu pudesse caminhar, tiveram que antes correr por mim. Embarcando no mesmo sentido fraterno gostaria de agradecer a família Cardoso Martínez e a família Gallegos, quem no México me brindaram todo o apoio e carinho em momentos difíceis dos quais somente nós sabemos. Além de que graças a companhia e vivência, puderam me tornar cada vez mais próxima do sagrado mexicano sem que se dessem conta, nem eu mesma tive a capacidade de perceber, até agora.

O presente trabalho só pode ser concluído porque contei com o auxílio daqueles que foram muito mais que professores, em momentos de angústia e solidão o professor Rodrigo Bragio Bonaldo soube dar-me alento e sabedoria nos percalços que a vida me pôs ao longo dessa graduação. Não muito longe encontram-se Cristiane Valério e Milano Cavalcante, quem exerceram a uma função para além dos seus cargos públicos, estendendo suas mãos inúmeras vezes e afagando-me em abraços carinhosos que me deram forças para seguir adiante. Agradeço também aos meus companheiros de setor no departamento de Ciências Contábeis onde pude ter o meu pão de cada dia, mas que também me apresentou a um mundo de pessoas sinceras e amáveis, como a Evelyn Teles, quem hoje me acompanha na escritura destes versos. Meus mais sinceros agradecimentos à equipe do Centro Socioeconômico, onde em inúmeras ocasiões abriram suas portas para conversas, carinhos, choros e abraços, especialmente a Maria Denize Henrique Casagrande, Diogo Félix, Marcia França, Simone Diefenbach Borges, Robson Rocha e Roberto Carlos Alves. Pessoas das quais levarei para sempre em meu coração, pois em momentos de total escuridão souberam guiar-me ao caminho da luz. Agradeço especialmente a Irineu Manoel de Souza, quem incessantemente me ajudou de distintas maneiras a seguir presente e sobretudo permanente nesta Universidade, resultando hoje no presente trabalho e a tão sonhada graduação.

Agradeço também a minha psicóloga Andreia Avosani, pois viver dentro desta cabeça pensante é uma tarefa um tanto quanto complicada. Encontrar alento nas palavras se tornou o meu melhor remédio nos últimos anos. Por último, mas não menos importante agradeço a todos meus companheiros que entre choros e alegrias hoje estão aqui desfrutando deste momento comigo: Sarah, Diego, Enzo, Samuel, Eduardo, Marina, João Gabriel, João Vitor, Emile, Paulo,

Leonardo, Caio, Thais e Matheus. *A los amigos de México que siguen conmigo hasta el presente momento: Fredy, Martín, Tadeo, Vico, Marco, Alejandro, Luis y Raul.* Meu mais sincero, e com carinho, muito obrigada por caminharem nessa longa jornada comigo.



*Tlen timoluia tijchluas ximotemachilti nelia mitsmakas pakilistli.*

*Lo que decidas hacer asegúrate que te haga feliz.*

## RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo evidenciar as reminiscências religiosas do México Antigo no México atual. Utilizando do método dedutivo, a presente obra coloca em evidência cinco características originárias observadas em uma festa patronal de cunho cristão. Sendo elas a vestimenta, os penachos, a dança, a música e a oferenda. A festa em questão é chamada de Sagrado Corazón de Jesús, realizada no povoado de San Ildefonso no município de Ixtlahuaca de Rayón, no México. Oriunda de uma herança coletiva característica dos povos originários, essa forma de celebrar emprega ritos e procissões capazes de nos dar a impressão de viajar no tempo. Através de uma análise comparativa entre fotografias e lâminas do Códex Florentino, a presente investigação coloca em destaque as características originárias presentes da cosmovisão mazahua, etnia indígena habitante do território tratado. Conceitos como os de religiosidade, magia e imaginário coletivo são abordados com o auxílio de um estudo interdisciplinar entre a história e a antropologia.

**Palavras-chave:** cosmovisão mazahua; México Antigo; povos originários.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo poner en evidencia las reminiscencias religiosas del México Antiguo en el México actual. Utilizando del método deductivo, la presente obra pone en evidencia cinco características originarias observadas en una fiesta patronal de carácter cristiano. De las cuales son la vestimenta, los penachos, la danza, la música y la ofrenda. La fiesta en cuestión es llamada de Sagrado Corazón de Jesús, realizada en el pueblo de San Idefonso en el municipio de Ixtlahuaca de Rayón, México. Derivada de una herencia colectiva característica de los pueblos originarios, ese modo de celebrar emplea ritos y procesiones capaces de darnos la impresión de viajar en el tiempo. Por medio de un análisis comparativo entre fotografías y laminas del Códice Florentino, la presente investigación pone en posición de destaque las características originarias presentes de la cosmovisión mazahua, etnia indígena habitante del territorio tratado. Conceptos como los de religiosidad, magia e imaginario colectivo son trabajados con el auxilio de un estudio interdisciplinar entre la historia y la antropología.

**Palabras clave:** cosmovisión mazahua; México Antiguo; pueblos originarios.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lâmina 19, Códex Florentino, séc. XVI	42
Figuras 2 e 3 – Fotografias de dançantes da festa do Sagrado Corazón de Jesús realizadas dia 27/06/2022, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México	43
Figura 4 – Fotografia de músicos da festa do Sagrado Corazón de Jesús realizada dia 26/06/2019, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México	45
Figura 5 – Lâmina 13, Códex Florentino, séc. XVI	47
Figura 6 – Fotografia de oferenda com queima de fumo da festa do Sagrado Corazón de Jesús realizada dia 27/06/2022, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México	49
Figura 7 – Fotografia de oferenda com frutas e quadro com imagem católica, realizada na festa do Sagrado Corazón de Jesús dia 27/06/2022, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México	49

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEDIPIEM	Consejo Estatal para el Desarrollo Integral de los Pueblos Indígenas del Estado de México
INAH	Instituto Nacional de Antropología e Historia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 IMAGINÁRIO COLETIVO E OS PENSAMENTOS INDÍGENA E CATÓLICO .....</b>	<b>19</b>
1.1 RELIGIOSIDADE E IMAGINÁRIO COLETIVO: O QUE SÃO? .....	20
1.2 PENSAMENTO INDÍGENA: A COSMOVISÃO MAZAHUA .....	22
1.3 PENSAMENTO CATÓLICO OCIDENTAL: A COSMOVISÃO CATÓLICA .....	26
<b>2 A FESTA DO SAGRADO CORAZÓN DE JESÚS .....</b>	<b>31</b>
2.1 A ZONA DEL MAZAHUACAN: LUGAR DE ORIGEN .....	34
2.2 IXTLAHUACA DE RAYÓN, JYAPJÚ: A TERRA NA PLANÍCIE .....	38
2.3 CARACTERÍSTICAS ORIGINÁRIAS .....	40
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Em meio a um cenário de união e coexistência forma-se uma aura de coletividade e respeito, entre as inúmeras festividades religiosas do município de Ixtlahuaca de Rayón no Estado do México, a festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús ganha destaque na presente pesquisa. Um momento onde o espaço-tempo parece funcionar de um modo bem singular, seus cantos e suas danças rememoram um passado que se encontra enraizado em suas terras, na mesma medida que nos fazem questionar qual o verdadeiro sentido de tal festejo. Oriunda de uma herança coletiva característica dos povos originários, essa forma de celebrar emprega ritos e procissões capazes de nos dar a impressão de viajar no tempo. Embora esse tempo possua certas cicatrizes de um agente do passado: a conquista. Os mazahuas<sup>1</sup> resistiram, e continuam a resistir a essa chaga que ainda nos dias atuais luta em apagar parte de suas histórias, as histórias de suas origens. O presente trabalho acadêmico tem como um dos seus objetivos principais evidenciar as características originárias da etnia indígena mazahua identificadas nesta festa patronal de cunho cristão.

Objetivando realizar uma crítica analítica em relação ao sincretismo ocorrido em todo o território mexicano, especificamente na região tratada, utiliza-se a dita festa como um estudo de caso a fim de identificar e comparar tais características. Para que tal comparação se concretize o presente trabalho parte do método dedutivo, onde esse método origina-se de teorias ou princípios considerados indiscutíveis, predizendo a ocorrência de casos particulares baseado na lógica. Segundo Gil (2008) o princípio metodológico dedutivo “parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica” (GIL, 2008, p. 9, apud PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 27). Ocorrendo desta forma a partir do “intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise geral para o particular, chega a uma conclusão” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 27).

Quando se trata de uma pesquisa a respeito dos povos originários do território hoje conhecido como México, é necessário estar atento a algumas questões e discussões existentes dentro da historiografia. Uma delas é abordar o período anterior à chegada dos espanhóis como México Antigo<sup>2</sup>, comumente denominado pelo termo “pré-hispânico”, a fim de equipará-lo aos

---

<sup>1</sup> O povo Mazahua contempla uma etnia indígena que está presente nos estados de Michoacán e Estado do México, neste último está localizado o município de Ixtlahuaca de Rayón.

<sup>2</sup> O desenvolvimento das civilizações mesoamericanas foi dividido pelos arqueólogos em três grandes períodos: o pré-Clássico (1500 A.E.C. - 300 D.E.C), o Clássico (300 - 950 D.E.C) e o pós-Clássico (950 - 1521 D.E.C). O

conhecidos períodos da Roma ou Grécia Antiga. Utilizar o referido termo – “pré-hispânico” – nos traz a ideia de que anterior à invasão espanhola não existia história neste lugar, dando a entender que o período histórico começa a partir de sua chegada, o que se sabe que não é certo. Em Anáhuac, durante esse período, se construíram e se estabeleceram distintas sociedades e culturas, que foram formadas umas das outras ao longo de suas trajetórias. Abordar uma pesquisa através da perspectiva dos povos originários se faz bastante necessário para a academia de estudos latino-americanos, em especial sob a perspectiva do presente trabalho, a perspectiva mazahua. Inclusive sendo ponto de pesquisa e discussão de alguns historiadores brasileiros como Eduardo Natalino dos Santos (2014), que também aborda a problematização dos referidos termos como um “perigo historiográfico”. Pois sua utilização oculta um “lapso de 20 ou 30 mil anos de um período em que os indígenas foram protagonistas da sua própria história” (SANTOS, 2014, p. 219).

Para além da importância de colocar em evidência tais sociedades e culturas, pouco abordadas dentro da historiografia ocidental, a quantidade de estudos relacionados à formação cultural-religiosa dessa região, especialmente na língua portuguesa, é menor. Realizando uma pequena comparação entre “dois mundos historiográficos” (México Antigo e Roma Antiga, a título de exemplo), encontra-se um volume esmagadoramente maior de produções científico-acadêmicas a respeito da História Antiga europeia, enquanto o oposto ocorre em relação à América Latina. Todos esses elementos em conjunto se fazem então necessários para implementar tais conhecimentos, tanto no âmbito científico-acadêmico brasileiro, quanto no mexicano. A importância de realizar pesquisas relacionadas a esses temas sob tais perspectivas está intimamente conectada com a força dessas manifestações culturais: na autoexpressão. São formas de perpetuar dentro da academia perspectivas originárias, como neste caso a cosmovisão mazahua e sua relação na festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús.

Faz-se necessário entender a formação dos povos originários e todas as suas transformações até o presente período, visualizando assim, a origem e formação religioso-cultural do povo mazahua na região estudada, tornando possível comparar as reminiscências antigas na manifestação cultural realizada atualmente. Devido a isso, a presente produção acadêmica utiliza como critério para a seleção de fontes, as pesquisas e livros já produzidos sobre o tema que apresentem uma perspectiva historiográfica decolonial. “A decolonialidade é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento

---

México Antigo corresponde ao período que vai desde o início da formação das sociedades (8000 A.E.C.) até a execução do último Huey Tlatoani mexicana, Cuauhtémoc (1525 D.E.C.).



acabado, pois se entende que este foi um processo que teve, e tem continuidade, mesmo que adquirindo outras formas (OLIVEIRA; LUCINI, 2020)”.<sup>3</sup> Essa colonização também ocorreu no âmbito epistemológico, ou seja, as obras aqui utilizadas como fonte e referência, foram escritas – em sua maioria – por autores latino-americanos. Para que o tema abordado seja a partir da perspectiva étnica própria latino-americana, e não de uma perspectiva historiográfica europeia. Permitindo assim a comparação entre as fontes aqui utilizadas, de modo que tornem explícitas as reminiscências religiosas mazahuas existentes na festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús.

Assim como as fontes históricas originárias, a história oral também se faz presente na construção desta pesquisa. Visto que essa sociedade está baseada na sua relação com a natureza e o seu entorno, tendo estes como elementos sagrados, sua cosmovisão é perpetuada de geração a geração por meio da oralidade. A história oral é importante como ferramenta confiável sempre e quando seja submetida à crítica e contrastada com outras fontes, importância esta que historiadores como Jan Vansina<sup>4</sup> buscam resgatar. Através da análise do objeto de estudo em conjunto das fontes apresentadas, estudos a respeito da história das comunidades indígenas na atualidade se fazem necessários por meio de um trabalho conjunto entre a História e a Antropologia. Esse enfoque interdisciplinar facilita a execução de pesquisas relacionadas a rituais, festas e paisagens rituais, que por sua vez não podem ser estudadas como “sociedades arcaicas intactas, estáticas ao acontecer e as conjunturas históricas”<sup>5</sup>. Tem-se uma consciência de que estes grupos foram parte de dinâmicas socioculturais que sofreram diversos processos para chegar até os dias atuais. As distintas mudanças do espaço físico procedem de uma série de acontecimentos, por exemplo, fazendo com que essa etnia reelabore os aspectos que se tem relacionados a esta festividade.

Para que sejam elucidados os modos pelos quais sucederam e mantiveram vivas essas reminiscências religiosas observadas na festa, o presente estudo é empreendido de forma diacrônica. O diacronismo tem relação com a evolução de um feito, sucedido ou circunstância através do tempo. Realizando o movimento entre passado e presente, este se requer de uma análise para explicar um processo cultural de longa duração, mudança e transformação. Com o enfoque interdisciplinar, se parte de uma perspectiva etno-histórica como intermediária para

---

<sup>3</sup> Para aprofundar mais, ver: QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

<sup>4</sup> Jan Vansina (1929-2017) foi um historiador e antropólogo belga considerado um grande nome no campo da história da África Central. Um grande inovador na metodologia histórica da história oral.

<sup>5</sup> Também abordado por Patsy de la Cruz (2013) em sua obra, aqui utilizada como referência bibliográfica.

entender o processo de transformação cultural da etnia mazahua na região abordada. Conceito cujo conjunto das narrativas e representações compõem a tradição de um povo ou grupo social, é um estudo baseado na análise das tradições orais, restos arqueológicos e etc. da história de um povo que não fazia da escrita como meio de comunicação<sup>6</sup>.

Utilizando da história comparada através do método dedutivo, será levada em conta a metodologia da História e da Antropologia, para compreender de modo geral a História do México Antigo e da religião Católica Espanhola, e no particular, a festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús. A etno-história como disciplina, mescla ferramentas de ambas as metodologias que prestam apoio na compreensão de sociedades não ocidentais. Estudos dos ramos da História Social e Cultural provenientes de grupos que não desenvolveram a escrita como forma de transmissão de conhecimento ou passado, enriquecem a História como ciência. A etno-história surge como uma assistência aos historiadores ou antropólogos, permitindo a reconstrução de processos de diversas temporalidades. Resultando no acesso de ferramentas facilitadoras que tornam possível identificar conjunturas e continuidades de forma clara em suas pesquisas.

---

<sup>6</sup> Para contextualizar, ver: CAVALCANTE, Thiago L. V. **Etno-história e história indígena**: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. *História* 30, junho, 2011.

## 1 IMAGINÁRIO COLETIVO E OS PENSAMENTOS INDÍGENA E CATÓLICO

Abordaremos no decorrer do presente capítulo o desenvolvimento de um conceito chave para o marco teórico de nossa investigação: o imaginário coletivo. Por imaginário coletivo, entende-se a maneira pela qual as civilizações, comunidades e/ou grupos de pessoas veem a si mesmas e enxergam o mundo e o seu funcionamento. Sendo assim, a partir do imaginário coletivo, o conceito de magia assume um papel central em nossa análise, uma vez que esta pode ser entendida como um modo de explicar a realidade na qual estamos inseridos, expressa nas mais distintas religiosidades do mundo as suas maneiras. O dito conceito busca ser entendido desde uma visão ampla que acople, sem julgamentos, a cosmovisão indígena e não desde a cosmovisão ocidental - europeia. Se observarmos do lado ocidental, este entende como magia o conhecimento ancestral - proveniente da palavra persa *mag* - que tem como significado a ciência ou a sabedoria (MARTÍNEZ, 2021, p. 13). Esta mesma magia também é definida em alguns casos como uma espécie de arte oculta, podendo ser dividida em branca e negra, onde essa última possui uma palavra equivalente: chamada de bruxaria, por influência do cristianismo.

A cosmovisão ocidental, entendida neste caso também como católica, faz associação da magia, principalmente da negra, com o diabo, ou seja, realiza um pré-julgamento - ou até mesmo um preconceito - em relação as demais cosmovisões que fazem uso deste conceito aqui visto desde o ponto antropológico científico. Encontra-se na Academia Real Espanhola, entre outros significados, a definição da palavra “bruxo” como aquele indivíduo ao qual se atribuem poderes mágicos por obtenção do diabo. Encontra-se aqui um extremo preconceito perpetuado desde os tempos da invasão, onde estes tipos de referências podem ser encontradas facilmente na comunicação entre os espanhóis durante o período colonial, fazendo alusão aos indígenas e suas práticas consideradas pagãs.

Assim como encontram-se tais definições “pré-julgadas” também é possível encontrar definições operantes para os povos indígenas e sua cosmovisão particular, como por exemplo a definição proposta por Manuel Delgado, também utilizada no presente trabalho: “a magia, em termos gerais e baseados na antropologia, é o conjunto de crenças e práticas baseadas na crença de que o ser humano possa intervir nos processos da natureza” (DELGADO, 1992, p. 13). Ou seja, o ser humano os contempla ou os modifica, mediante a manipulação ou a encarnação de determinadas potências, que são acessíveis através de aptidões, conhecimentos ou técnicas especiais. Ademais, também é apresentada e desenvolvida a cosmovisão do México Antigo, a

fim de entender o pensamento indígena e o pensamento europeu conquistador, o qual se encontra baseado principalmente na cosmovisão católica apostólica romana.

### 1.1 RELIGIOSIDADE E IMAGINÁRIO COLETIVO: O QUE SÃO?

Ao longo da história, o imaginário – e principalmente a sua apreciação na vida coletiva – sofreu um permanente “vai-e-vem” de reconhecimentos. A reflexão em torno dos imaginários sociais é um dos caminhos que se abrem para uma emancipação dos povos originários, para que, nas palavras de Lizcano (2003), “não venha a dar-se, uma vez mais, em uma nova forma de escravidão”. Esse “vai-e-vem” de reconhecimentos acerca do imaginário coletivo pode ser observado, em um princípio, na Grécia, o chamado Ocidente. Onde a crença na razão, substituiu a crença nos deuses, “o mito da razão ocupou o lugar que habitavam as razões do mito” (LIZCANO, 2003), ocorrendo assim, ao passo dos anos, essa movimentação entre “a razão” e “o mito”. Posterior a isso, o desmembramento da Grécia abre espaço para que, séculos mais tarde, ocorra a eclosão do imaginário popular medieval. A centralidade do interesse pelo imaginário, nos dias atuais, é análoga à que sempre foi desempenhada em outras culturas e semelhante a que, na cultura ocidental, se assumiu na Idade Média, no barroco ou no romanticismo. A diferença das eclosões medieval e barroca, as quais Lizcano (2003) aponta que em suas irrupções se esgotaram em seu mero manifesto, a atual eclosão do imaginário faz desta manifestação objeto de estudo e reflexão. Ainda que de uma maneira intuitiva, o romanticismo tratou sua manifestação como objeto de estudo, podendo-se observar teorias que atualmente resulta ser bastante próximas às do atual período, como as que se desenvolveram em torno do conceito de “visões do mundo”, propostas pelo historicismo alemão.

A consonância de estudos relacionados com o entorno do imaginário, advindas da história, psicologia, filosofia, antropologia ou da sociologia, atualmente, coloca seus estudiosos pela primeira vez em condições de não só valorizar precisamente todo o impressionante alcance do imaginário, em todas as suas expressões. Senão que também de pensá-lo como um potente aparelho conceitual e metodológico desenvolvido interdisciplinarmente pelas ciências sociais acima apontadas. Lizcano (2003) cita a obra de Euclides como um bom exemplo a observar-se a respeito do imaginário, já que atravessaria à história como o vão do que são legitimamente as matemáticas, onde precipitam-se os medos, valores e crenças característicos da conhecida Grécia clássica. Lizcano (2003) aponta que a sua aversão [da Grécia] inconsciente ao vazio, ao “não ser”, por exemplo, culminou na sua incapacidade de construir nada que se pareça ao conceito de zero, ou dos números negativos.

Imaginar algo que não seja nada, e mais ainda, que o nada seja negativo, parecia impossível, um absurdo, explodindo como pólvora, assim, olímpicamente o imaginário grego. Porém este mesmo imaginário, que colocava barreiras ao pensável, iluminava novos e férteis modos de pensar, ou pensamentos. Podendo ser observado do outro lado do planeta (um planeta que para o imaginário grego não o era), em que ao mesmo tempo (embora seja difícil dizer que um momento em questão seja o mesmo em dois imaginários distintos) os algebristas chineses da época dos primeiros Han, operavam com um número zero e alguns negativos que o imaginário grego não poderia – literalmente – observar, nem ver. Isso se dá porque, de certa maneira, o imaginário está antes que as imagens, tornando a umas possíveis e a outras impossíveis.

O imaginário educa o olhar, um olhar que nunca vê diretamente as coisas, senão que as vê por meio das configurações imaginárias com as quais os olhos se alimentam. Como bem diz Octavio Paz: “O olhar dá realidade ao que é visto”. Observa-se como cada imaginário marca um espaço, o seu espaço, mas também torna possível a abertura de um leque de possibilidades, as suas possibilidades. O imaginário em que cada um habita - o imaginário que nos habita - obstrui algumas percepções, nos furta certos caminhos, mas também coloca gratuitamente à nossa disposição toda a sua potência, todas as maneiras de poder ser que ele carrega. Sua origem terminológica se refere às palavras “imagem” ou “imaginação”, onde em a imaginação é o primeiro estágio do imaginário coletivo e nesse caso a religião e seus rituais em específico servem como “correia de transmissão” entre o passado e o presente. O canal visual é um dos mais utilizados pelo homem para capturar as mensagens do exterior (FIGUEREDO et al., 2005). Lizcano (2003) aponta que quando se trata de formas de convivência que respondem a outras configurações imaginárias, parece mais condizente o uso de terminações menos “carregadas” por um imaginário particular, e empregar, se necessário for, determinações genéricas como a de imaginário coletivo.

Sendo assim, é importante lembrar que não somente a religião tem um papel importante nisso, o ritual, o rito, o aspecto mágico, também possuem uma função importante no desenvolvimento desse imaginário. Pois é no ritual que as pessoas dividem a imaginação de forma coletiva. É no rito que a imaginação se torna coletiva e deixa de ser algo individual, constituindo assim o imaginário coletivo também. Segundo Maria Ana Postal (1999, pg. 20) a religiosidade popular engloba uma série de práticas sociais que interligam elementos católicos com elementos ancestrais do México Antigo, particularmente com uma expressão social que está vinculada a um sistema de cargos e mordomos (explicados mais adiante) que articulam a vida social e a identidade comum, ou comunitária. Onde a religião é o culto sistematizado e

organizado, enquanto a religiosidade é o que as pessoas acreditam desse culto. Dessa forma, as práticas correspondentes a religiosidade conduzem a participação social de tal maneira que se convertem em formas de coexistência, pertencimento e enraizamento territorial.

E como parte de um imaginário coletivo, a religiosidade contribui para a construção de imaginários e estereótipos que são refletidos nas festas religiosas, como o Sagrado Corazón de Jesús por exemplo. Essa construção se dá também sobre o território, elemento principal da cosmovisão mazahua aqui abordada. Já que os festejos religiosos, como a ação de graças e a festa do santo patrono da comunidade, se encontram entre os aspectos de construção deste território. Podendo ser vistas no como como estas atividades se propõe como formas sócio-espaciais, resultado da apropriação do espaço-tempo. (TOMADONI, 2007, apud MEJÍA; TORRES; VILCHIS, 2016, p. 9)

## 1.2 PENSAMENTO INDÍGENA: A COSMOVISÃO MAZAHUA

Toda comunidade humana assegura sua continuidade ao longo da história preocupando-se em não perder sua identidade cultural. Tanto as lendas como os rituais mazahuas se encontram imersos em um conhecimento detalhado do entorno natural pelo qual são rodeados, circunstância essa que culminou em uma forma de cosmovisão específica. Esse conceito deve ser entendido como uma visão estruturada, na qual os membros de uma sociedade se desenvolvem de maneira coerente baseada na noção e na observação sobre o meio ambiente no qual vivem, e sobre o cosmos no qual se situa a vida do homem (CRUZ, 2013, p. 12). Cruz (2013) aponta que estudos realizados na Cuenca de México<sup>7</sup>, indicam que o homem estabeleceu familiaridade com a natureza através da sua interação e observação.

Desde o México Antigo os sistemas de crenças, as representações simbólicas e a religião estiveram estritamente vinculados com a paisagem e seu o entorno (CRUZ, 2013, p. 16). O entorno físico é um fator fundamental dentro das sociedades mesoamericanas, é nele que essa relação sociedade-natureza permite perceber diversos aspectos em torno do território: sua história, religiosidade e identidade, assim como sua cosmovisão. Essa relação com o território e a divindade tornou-se uma característica marcante desta e de outras sociedades de Anáhuac<sup>8</sup>. Seus ritos e celebrações estavam ligados ao solo, como se seus pés possuíssem raízes e estivessem a ele conectados. Através da observação da natureza, certas festividades eram

---

<sup>7</sup> Cuenca é o território cercado por alturas, cujas águas correm para o mesmo rio, lago ou mar.

<sup>8</sup> Nome dado pelos mexicas ao mundo por eles conhecido antes da invasão européia e católica. Seu nome significa situado entre as águas, em náhuatl.

marcadas por períodos como os de colheita, preparação do solo e cuidados com o alimento. Que a sua maneira estava relacionada com suas divindades, tornando esses momentos de conexão estabelecidos de períodos propícios para o agradecimento, e outros para o pedido.

Tonucci (1991) nos explica que a ordem social refletia a ordem universal: os deuses se preocupavam em manter os homens em seu lugar, e os homens trabalhavam para manter os deuses no céu. Na sociedade teotihuacana, que durante sua expansão exerceu influência sob a região estudada, por exemplo, os sacerdotes exerciam também funções econômicas.

Estabeleciam o calendário que orientava a preparação dos novos terrenos, o tempo de plantar, de limpar e de colher. Organizavam a irrigação e a distribuição dos produtos excedentes. No cultivo das roças repartiam as terras entre os camponeses e regulamentavam a alternância no cultivo para manter um elevado nível de fertilidade. Os trabalhos agrícolas eram acompanhados de cerimônias religiosas (TONUCCI, 1991, p. 27).

Dentro dessa cosmovisão, encontra-se um fio condutor que rege a sua forma de observar e estar no mundo: o princípio da dualidade. Esse princípio está baseado em elementos opostos e complementares a sua vez, como por exemplo: quente-frio, masculino-feminino, sol-lua, dia-noite, etc. Gerando uma dinâmica de elementos complementares que pode ser observada no trato com a natureza e a paisagem natural, bases importantes para a construção do seu imaginário religioso e ritualístico. Dentro de uma sociedade, a religião é um fator social que conserva em si mesmo um discurso que garante a identidade cultural nesse espaço. Observar o cenário espacial desde os parâmetros discursivos próprios de cada sociedade e o estudo da vida cotidiana de tais indivíduos brinda a oportunidade de entender a relação entre a sociedade e o lugar. Já que nesse sentido a experiência de um lugar significa viver nele, onde sentimentos, emoções e valores são parte da vida de um ator social (ESCOBAR, 2001, apud MEJÍA; TORRES; VILCHIS, 2016, p. 9). E se pensamos dessa forma em conjunto do que já foi discutido acima, a respeito do imaginário coletivo e da religiosidade, a cosmovisão aqui estudada também pode ser entendida como um mecanismo no qual se opera a construção de um imaginário coletivo.

Esse imaginário coletivo está baseado principalmente na autopercepção, onde esta é construída através da observação do entorno: na identificação e interpretação do território e da paisagem que nele consta. Onde por sua vez são expressas em sua totalidade neste fio condutor da dualidade, representados por elementos complementares: como quente-frio, sol-lua, noite-dia. Capazes de ser percebidos na festa aqui utilizada como estudo de caso, pois esta é construída na base de duas cosmovisões distintas: a católica e a mazahua. Seu resultado se dá

na construção do imaginário coletivo e religioso popular desta comunidade em questão. Sendo assim, a cosmovisão mazahua reúne todos esses elementos expressos em sua particularidade, aplicados no presente festejo. Os rituais realizados em cada lugar, são um elemento da construção da identidade, todos estes possuem lugar em cada ponto delimitam o território físico e simbólico. Nos espaços de convivência social se aproximam identidades que tornam possível a festa comunitária, essa desenvolvida mais adiante.

Tanto a ideologia como a cosmovisão são parte inicial da religião e das manifestações culturais que dela derivam, a geografia por exemplo, interagiu de forma direta com as religiões de Anáhuac ajudando a dar sentido sobre os fenômenos naturais e sobrenaturais (ARANDA, 2007, p. 246 apud CRUZ, 2014, p. 19). A importância da cosmovisão mazahua se dá no sentido da própria origem do povo, sendo os mazahuas um grupo considerado como uma das primeiras manifestações culturais assentadas no altiplano central. Fazendo um breve salto aos tempos atuais, sua população é uma das mais numerosas no Estado do México, onde se localiza o município no qual se realiza a festa aqui abordada. Ademais, conservam sua língua materna como uma forma de defesa perante a miscigenação e se organizam como uma nova presença urbana que, ao afirmar a sua identidade, reclama o direito de participar da vida pública (GOVEA, 2019, p. 5). Tanto que atualmente possuem um conceito próprio para nomear-se e de se distinguir dos demais grupos étnicos que formam parte dos povos originários. Utilizam o termo *jñatiro*, que significa “os falantes da língua”, em outras palavras, aqueles que falam mazahua. É uma forma de construir sua imagem através da oralidade, que é uma das tradições dessa etnia e está intimamente ligada com a sua cosmovisão.

A oralidade é um componente básico para entender seu cosmos e seus rituais, pois é graças a tradição oral que as comunidades de origem mazahua conseguem manter fragmentos do passado no presente (GONZÁLEZ et al., 2019, p. 24). A oralidade, em sua magnitude, se desprende de um processo histórico de dimensão tradicional. Para isso a compreendemos enquanto ato onde se desenvolve a mesma oralidade, já que nela estão expressas as representações sociais que continuamente estão se refazendo uma e outra vez através das experiências significativas. Essas experiências são dadas através das vivências nesses locais onde o entorno sagrado é fruto das mesmas narrativas orais, que enriquecem os seres pertencentes a essa etnia como também ajudam a fomentar o imaginário coletivo construído através da sua cosmovisão. A tradição vai muito mais além de um acontecimento ou fato histórico, as narrações que a compõem formam parte de um sistema intertextual. Nesse sentido, as narrações orais expressam uma trama que não é meramente narrativa, mas que sistemas simbólicos se articulam na discursividade (GONZÁLEZ et al., 2019, p. 29). Esses símbolos são



a representação do seu entorno e daquilo que os construiu e edificou enquanto indivíduos, é a representação da sua cosmovisão.

Sua cosmovisão também se viu modificada, já que igual a outros grupos culturais os mazahuas sofreram maior mudança durante os períodos da invasão. Visto que sua cosmovisão está baseada na observação e percepção do entorno, estes tiveram que migrar para outras zonas, culminando na alteração do seu espaço-sagrado e fundamento da sua maneira de perceber o mundo e a si mesmos. Os mazahuas tiveram sua cosmovisão construída desde as reminiscências do Antigo México e das influências de informações e práticas culturais advindas de diversas localidades. Isso se dá em decorrência da região onde a etnia surgiu, a zona del Mazahuacan, um importante espaço de troca cultural e mercantil abordado um pouco mais adiante no próximo capítulo. E dentro das influências exercidas sobre a modificação da sua cosmovisão, encontra-se a influência do mundo ocidental como resultado do processo de evangelização ocorrido durante a invasão espanhola.

Vázquez (2002) aponta que o sistema cosmogônico pame - no qual está inserida a cosmovisão mazahua - abrange uma perspectiva que está associada a uma vida seminômade rica em uma visão do tipo caçadora-coletora. Capaz de olhar ao meio ambiente como uma entidade viva, que compreende ao rio e aos montes como entidades sagradas (VÁZQUEZ, 2002, p. 399 apud GONZÁLEZ et al., 2019, p. 24).

O pensamento mazahua é subjacente da ideia de que estes seres primogênitos foram transladados para outro mundo, onde habitam e podem atuar sobre os homens em momentos ou espaços que têm sido definidos como umbrais, tais como o sonho ou a noite, as cavernas, rios e montanhas (CARREÓN; CAMACHO, 2011, p. 208 apud GONZÁLEZ et al., 2019, p. 25, tradução nossa).

Nesse sentido é importante ressaltar que, dentro da concepção de universo dessa etnia, a paisagem é entendida como a integração dos fenômenos naturais e humanos no espaço que nos rodeia. Porém para se admirar ou observar, a paisagem natural é um sistema que está intimamente relacionado com a vida humana, no nosso caso com a vida dos habitantes mazahuas no território em questão. Essas entidades sagradas que formam parte da sua cosmovisão, vivem em um mundo paralelo ao nosso, o mundo do homem. Ainda que às vezes essas fronteiras costumam ser transpassadas, dando origem a um universo plural capaz de intercalar diversas entidades e dimensões que possuem efeitos específicos nos seres humanos: como o conhecimento, alguma doença ou o contrário, boa saúde e cura de possíveis mal-estares.

Os já mencionados montes, os rios e também as milpas<sup>9</sup> e planícies, são locais sagrados que possuem uma carga simbólica onde se manifestam experiências consideradas “fora do normal”. É ali onde esse véu tênue entre o nosso mundo e o umbral fica cada vez mais fino tornando possível o contato com o divino através dos sonhos, milagres e aparições. Esses mesmos símbolos são colocados em prática de uma maneira mais “palpável”, e muito singular a sua vez, nas cerimônias ritualísticas, onde membros dessas comunidades convidam a romper esse véu coletivamente através da adoração e entrega. Características presentes na festa aqui analisada que serão discutidos e analisados mais adiante na presente obra.

### 1.3 PENSAMENTO CATÓLICO OCIDENTAL: A COSMOVISÃO CATÓLICA

Assim como na cosmovisão indígena, essa baseada pelo princípio da dualidade acima desenvolvido, a cosmovisão católica é baseada na conhecida “santíssima trindade”. Sendo ela o pai, o filho e o espírito santo, expressa em todas as formas de manifestação dentro da religião católica ocidental. Essa manifestação se expressa na exaltação pública e visível dos símbolos essenciais acima expostos, pois estes representam os máximos valores sobre os quais se sustenta a autoridade. O governante religioso e o civil possuem o máximo poder, que por desígnio divino lhes é concedido, o esplendor da celebração barroca está intimamente ligado ao ritual de poder (ARRIAGA, 2018). Na Nova Espanha são o vice-rei e o arcebispo os indivíduos iluminados com a máxima posteridade conferida pela majestade espanhola, quem é por sua vez, para os habitantes de seus domínios, o representante de deus na terra. Estes personagens são exaltados no mesmo nível de divindade, é dessa exaltação que a magnificência da festa e a necessidade de realizá-la são colocadas em jogo. Compreende-se de uma melhor maneira, quando se sabe que no estado absolutista espanhol, o poder civil e o religioso estavam unidos e representados pela mesma pessoa do monarca. Por este motivo, os festejos coloniais colocam em local de evidência o “grande teatro” do espaço público, conforme explica Arriaga (2018):

O teatro como concepção barroca é o grande cenário do mundo, onde ‘se vê’, na acepção grega da palavra. Não é gratuitamente que um grande número de textos levem o nome de ‘theatros’: el de Sigüenza, ‘el Theatro de la primitiva Iglesia’ de Gil Gonzáles Dávila, ‘El theatro mexicano’ de Agustín de Vetancurt, para citar somente alguns. É por ele que os membros de coletividade estão atentos às representações emanadas do poder (ARRIAGA, 1997 apud ARRIAGA, 2018, tradução nossa).

---

<sup>9</sup> O nome milpa provém do náhuatl *milli*, que quer dizer parcela plantada e pão em cima, o que significa: “o que se planta em cima da parcela”. A milpa é um agrossistema mesoamericano que se distingue como fonte de alimentação, diversidade cultural e biológica.

Portanto, no seu conceito de festa pública, essas celebrações têm um lugar no espaço aberto da cidade, das suas ruas e praças. Transformando a festa em questão num cenário de sinais e realidades, onde o conjunto de linguagens e manifestações religioso-culturais deixa nos espectadores a impressão de pertencer a uma ordem que transpassa o temporal e se inscreve no transcendente. Existe certa dificuldade em distinguir entre quais festejos são religiosos e quais pertencem ao âmbito civil, pela mesma razão da qual o poder divino-político-religioso se concentra na figura do monarca: o estado absolutista. Essas características podem ser observadas, exemplificado por Arriaga (2018), nos arcos triunfais erguidos em honra tanto aos arcebispos como os vice-reis. Conforme expressa Solange Alberro (1992): “se bem que os poderes já não foram tão absolutos nem totalmente de origem divino, o religioso e o temporal permaneceram, como nos antigos tempos, intimamente ligados, em inúmeras festas, cerimônias e manifestações aparatosas” (ALBERRO, 1992 apud ARRIAGA, 2018).

Nesse sentido, para que a análise da presente obra consiga ser efetivada é necessário que entendamos um par de coisas. Até aqui temos entendido alguns conceitos primordiais para fundamentar essa pesquisa, como os de imaginário, magia, religiosidade e a própria cosmovisão indígena. Portanto, se estamos abordando uma festa patronal de cunho cristão que conta com elementos de origem indígena - mazahua - na sua composição, faz-se necessário entender como a dita festa surgiu e em qual contexto. Para isso precisamos definir, primeiramente, a diferença entre culto e devoção. O culto é externo e costuma ser coletivo, estando vinculado a ritos ou cerimônias. O Diácono Santiago Alemán (2018) diz que no culto podem estar incluídas a hipocrisia, a representação teatral e o que ele chama de “atitude farisaica”, entendido pela autora da presente obra como atitude pagã, ou xamânica. Enquanto a devoção, pelo contrário, é interna e individual. É um sentimento íntimo, que segundo o jornal El País (1997), pode ser expressa na meditação e na invocação calada (entendida pela autora como a oração, ou rezo, o ato de evocar a entidade em silêncio). A partir do entendimento de tais conceitos e estando situados ao cunho do presente tópico - que está interligado com todo o desenvolvimento deste capítulo - é necessário que façamos uma breve viagem no tempo.

Para isso, as coordenadas históricas se encontram na França do séc. XVII, praticamente cem anos após a tomada e queda de Tenochtitlán por parte dos espanhóis. É importante salientar que nesse período a igreja católica estava enfrentando um momento de crise por toda a Europa, e principalmente na França. Onde cada vez mais o número de fiéis diminuía em virtude do crescimento do protestantismo, que por consequência esvaziava os bolsões alimentícios dessa empresa: o dízimo e as indulgências. Alemán (2018) define a Europa como um personagem

cansado, desvanecido, que leva anos de guerras religiosas, de conseqüente confusão doutrinal e cansaço moral. O mínimo que se deveria esperar em comparação a todo o estrago causado pelo período da conquista das novas terras, e de nova mão de obra para exploração. Com o intuito de exterminar tais enfrentamentos e o temor de ficar abaixo do “visco espanhol” de Felipe II, concretizou-se a aceitação prática e legal do protestantismo. Nesse sentido, o órgão eclesiástico da igreja católica francesa foi cada vez mais se subordinando aos interesses e necessidades da coroa. Com a reforma estabelecida pelo Concílio de Trento, que condenava a venda de indulgências e a doutrina protestante, não demoraram em surgir figuras “messiânicas” que deram aquele protótipo de 1600 um impulso para a conversão e renovação do catolicismo, dele e para ele.

Dentre as inúmeras figuras que surgiram nessa época, a Santa Margarita María de Alacoque ocupa um lugar especial, e de certa forma “iluminado”. Pois foi ela, dentre tantos outros, a “escolhida por deus” e pelo mesmo Sagrado Corazón de Jesús, que por sua indicação e expressa vontade contou com padres como colaboradores da propagação do culto.

Essa devoção, que planta seus botões nos místicos medievais, particularmente em Santa Gertrudis, adquire suas modalidades típicas de consagração e reparação no século XVII graças a humilde religiosa da Visitación de Nuestra Señora, ou salesa, Santa María de Alacoque (1647-1690). Ao mesmo tempo, Juan Eudes propagava arduamente a devoção aos Sagrados Corazones de Jesús y María; porém o instrumento escolhido por Deus foi a Santa, que por indicação e expressa vontade do mesmo Corsazon de Jesús teve por colaboradores ao infatigável Padre La Colombière e aos Padres da Companhia de Jesus. As revelações principais se manifestaram para a Santa nos anos 1673-1675 (LLORCA; VILLOSLADA; MONTALBÁN, 1960, p. 349-350, tradução nossa).

É possível observar que o culto e devoção ao Sagrado Corazón de Jesús se originou num momento crucial para a igreja católica, um momento no qual a sua magnificência e seu poder estavam sendo ameaçados. Semelhante a isso, porém com suas particularidades, esse sentimento surge na região aqui estudada, mas deixaremos isso para ser discorrido mais adiante. Aqui vemos então, como e em que contexto histórico o culto ao Sagrado Corazón de Jesús deu-se por nascer. Agora lembre-se, no início do presente tópico abordamos os princípios da cosmovisão católica, que está baseada no princípio da santíssima trindade: o pai, o filho e o Espírito Santo. O primeiro sendo entendido como a entidade onipresente, o segundo como sua encarnação na terra e o terceiro como seu componente espiritual. O Sagrado Corazón de Jesus é a personificação do segundo aspecto - o filho -, isto é, não se adora ao coração de carne do filho de deus que veio à terra, já que não existem referências diretas a isso. Mas sim ao seu amor e seus sentimentos, expressos através do símbolo de seu coração sagrado. Sendo assim,

entendemos que um modo de adoração a Jesus Cristo na imagem do seu Sagrado Coração, é uma maneira de se referir ao segundo elemento da santíssima trindade.

A devoção ao Sagrado Corazón é marcada por suas características de amor e reparação, o que a faz ser distinguida das demais sendo um elemento fundamental e distintivo da piedade católica. Com as manifestações mais fortes em Margarita María datadas entre 1673-1675, o padre Claudio de la Colombière - um dos precursores do movimento de devoção e culto - foi o primeiro a se consagrar ao Corazón no dia indicado pelo primeiro aspecto, o pai, Deus. Esse dia seria a primeira sexta depois da oitava do Corpus Christi, naquela época, dia 21 de junho de 1675. Esse movimento de adoração foi crescendo aos poucos e migrando para vários setores da igreja católica, um deles é o da Visitación de Nuestra Señora mencionado acima. Em 19 de maio de 1693 um decreto do papa Inocêncio XII concede indulgência plenária aos que comungarem em uma das igrejas da Visitación na próxima sexta da oitava do Corpus, o dia do Sagrado Corazón, reconhecendo assim a sua característica de devoção. Temos quatro anos depois do decreto, uma solicitação da duquesa de York - rainha da Inglaterra - em 1697 após a morte de Margarita e de Claudio, os precursores da devoção, da permissão de celebrar no dia apontado pelas ditas revelações a festa litúrgica do Sagrado Corazón.

Os espanhóis ao se depararem com um forte sistema de crenças e religiosidade desenvolvido pelos povos originários se viram incapazes de derrubá-lo, pois este estava intimamente ligado ao solo. Esse sistema de crenças tão forte sobreviveu até os dias atuais, porém não impediu que deixassem cicatrizes na sua história. Inicia-se então um processo de apropriação, os freis assumem os lugares dos sacerdotes e por sua vez os santos assumem os lugares das divindades. O primeiro gesto de Cortés, no alto do grande templo de Tenochtitlán, foi derrubar todas as imagens sagradas. Onde após a vitória militar dos espanhóis, a casta sacerdotal mexica veio a ser aniquilada. Os indígenas, especialmente seus líderes, foram batizados com toda a “pressa do mundo” e doutrinados pela quantidade de religiosos franciscanos que vieram acudir a libertação desse pobre povo do paganismo (LAFAYE, 1971, p. 58). No caso da festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús, o fato de que esses elementos estejam relacionados a uma figura católica é resultado do conhecido sincretismo religioso, uma máquina programada para ceifar etnias e culturas, que às vezes levava consigo aqueles que as praticavam. O sincretismo é caracterizado pela união de elementos culturais, religiosos e ideológicos distintos que formarão uma nova cultura, uma nova sociedade. Em relação a isso, Jacques Lafaye (1971) demonstra que o vazio criado pela desaparecimento da casta sacerdotal mexica permitiu que a religião politeísta por eles mutilada, que combinada com as superstições

populares existentes, se manifestasse ainda mais, aparecendo como a herança espiritual do passado.

Sendo assim, a devoção ao Sagrado Corazón de Jesús, na maneira como é conhecida hoje, e nas características particulares do local aqui analisado, se deu em uma cristandade que já estava ferida, machucada, moribunda. Oriunda da divisão eclodida pela inserção do protestantismo na sociedade francesa, enquanto aqui na América Latina foi ocasionada pela resistência dos indígenas perante a adoração de outros objetos e entidades que não faziam parte de seu panteão cosmogônico. Para isso, os convido a submergir no próximo capítulo onde iremos abordar o surgimento de tal festividade e a maneira como culminou nas manifestações atuais.

## 2 A FESTA DO SAGRADO CORAZÓN DE JESÚS

No México Antigo, as sociedades mesoamericanas tinham a tradição de realizar festas e rituais em nome de seus deuses. Essas celebrações eram a base de toda a construção da sua sociedade, sua cosmovisão era refletida em todas essas expressões. Características como essas, continuam presentes nos festejos atuais. Agora, já não agradecem aos deuses, mas sim a figuras católicas. Afinal, no México, os evangelizadores se aproveitaram das festividades, ritos e costumes religiosos dos indígenas permitindo que perdurassem, porém, com “ingredientes” a mais. Eis porque muitas procissões estão incorporadas por dançantes caracterizados. Essa era a forma na qual festejavam seus deuses no México Antigo (WOBESER, 2012). Isso também é atribuído às festas realizadas aos santos patronais e comuns, relacionadas com os calendários festivos das comunidades originárias. Essas festas se concretizam entre a mescla de crenças religiosas novo-hispanas e heranças ancestrais indígenas, no caso desse espaço, heranças mazahuas.

Uma aura coletiva se forma em meio ao som dos batuques e dos chocalhos de sementes, os dançantes mazahuas, carregando seus enormes penachos e com seus rostos pintados, somam-se a essa esfera na medida em que se incorporam ao ritmo da música. Seus trajes são produzidos por suas próprias mãos, suas coroas são compostas de penas compridas e finas, as pinturas em seus rostos são realizadas pelos membros do mesmo grupo dançante, pintam-se uns aos outros como uma vez fizeram seus antepassados. Ao ritmo da melodia os dançantes se incorporam a este entorno, construindo um espaço de expressão cultural. Um espaço de resgate histórico, um espaço de identidade. Nesse momento é permitido que as tradições e heranças culturais renasçam da mesma maneira em que se opera o funcionamento das engrenagens dessa sociedade, no coletivo. As festas patronais são ambientes de coexistência, através delas podemos ver a identidade e a cosmovisão<sup>10</sup> das sociedades onde são realizadas. Precisamente porque esse espaço se transforma, temporariamente, em um território cerimonial durante ditos atos (PIZANO, 2004 apud CRUZ, 2013, pg. 108). Uma prática existente na grande maioria dos povos originários da Mesoamérica, a festa era um momento onde através de numerosas procissões - que envolviam danças e música - festejavam aos seus deuses no México Antigo (WOBESER, 2022). E foi em meio a um espaço como o narrado acima que o tema dessa pesquisa surgiu.

---

<sup>10</sup> Cosmovisão, definida por Johanna Broda, se refere à visão de vida estruturada do conhecimento integrado em um sistema coerente (BRODA, 2003 apud CRUZ, 2013, p. 19).

Essas festas religiosas também contrastam com o momento histórico, onde a sociedade mexicana atual costuma se caracterizar a partir da pobreza, do desemprego, da insegurança e da articulação social (BENÍTEZ. LEVI, 2012). É um lugar onde a recreação de certos costumes antigos permite o diálogo entre o homem e a natureza, a festa é parte do patrimônio cultural imaterial dessas sociedades. Ela é concebida como uma forma de expressão cultural coletiva, na que se manifestam distintos aspectos como crenças, mitos e concepções acerca do mundo e dos imaginários coletivos, todos estando relacionados com o ciclo da vida (CRUZ, 2013). É através desse processo festivo que a comunidade reforça e ativa os vínculos de identidade social, uma forma de autoexpressão. Além de ser uma conexão com seus seres divinos, a festa também é uma aproximação com o passado e a origem dessas comunidades. Dado ao fato de que as festas tradicionais, em especial as patronais, conforme apresenta Patsy de la Cruz (2013), são espaços de afirmação e conexão com um passado ancestral comum. É ali que elementos ritualísticos de seu passado/história, como a dança, vestimentas, queima de fumo e ervas, são perceptíveis. Tornando-se passíveis de admiração e observação, as festas tradicionais são características da cultura indígena mazahua, assim como de praticamente todas as etnias de Anáhuac. Eram momentos de celebração e agradecimento aos deuses pelos frutos e pedidos atendidos, era o momento onde o homem se conectava com o divino através da natureza. Era através delas que essas sociedades expressavam – e de certa forma ainda expressam – sua identidade, adquirida através da sua cosmovisão. É a partir da análise da formação desta festa patronal, que o presente trabalho compreenderá as reminiscências religiosas de um passado distante, porém marcado nestas manifestações culturais existentes atualmente.

Embora hoje em dia essa manifestação apresente um caráter cristão, suas origens aludem um passado indígena que é transmitido através das danças, melodias e instrumentos musicais encontrados no festejo analisado. Realizada uma vez ao ano, geralmente no último final de semana de junho. Dançantes, músicos, famílias e parentes se reúnem em uma procissão que exige do esforço coletivo para que funcione, vão dançando e caminhando até a igreja da comunidade. Lá, permanecem todo o dia dançando e tocando em forma de agradecimento pelas preces obtidas. Anteriormente, a época do ano na qual a festa ocorre, seguindo o calendário de festividades indígenas, estava relacionada ao período de colheita. A comunidade agradecia pelos bons frutos obtidos, podendo estes ser desde alimentos até melhoras de saúde. Era um período de agradecimento e de celebração. E como parte dessa celebração, eram realizadas numerosas procissões com muita dança, música e canto, altares eram criados e quantidades consideráveis de frutas e verduras eram postas neles, ervas eram queimadas, agradecendo-se nas casas e nos templos. Caracterizadas por suas origens religiosas – dedicadas às divindades –



e incluindo as tradições culturais de cada região, as festas patronais foram e continuam sendo transmitidas de uma geração a outra. É um momento onde os habitantes interagem, defendendo o grupo social que o protagoniza através das celebrações solenes dedicadas a um santo patrono. Yousy Ramírez (2019) evidencia que através dela, se expressam sentimentos individuais e coletivos, onde a festa e a religião estão intimamente ligadas e formam parte das tradições dessas comunidades.

São um elemento central da organização social, um fator de vitalidade local, uma forma de reprodução do sentido comunitário e um componente chave na identidade cultural e arraigo territorial. São um mecanismo de resistência cultural; um instrumento por meio do qual dão continuidade com as suas tradições, seus valores, suas formas de organização social, de vínculo com a natureza e memória histórica (RAMÍREZ, 2019, tradução nossa).

Na atualidade, as festas patronais praticam um importante papel na vida das comunidades urbanas e rurais. As autoras Gisela Benítez e Liliana Levi (2012), em um estudo de caso, demonstram que as práticas religiosas contidas nas festas patronais remontam costumes que por séculos prevaleceram dando uma singularidade na forma como essas se expressam: “os ritos, a música, as danças, a comida e tudo o que compõe a festa refletem a organização sócio territorial, pois possui repercussões para além do âmbito religioso que forma parte da vida cotidiana (BENÍTEZ; LEVI, 2012)”. Ela se converte num mecanismo de resistência cultural por parte dos povos originários. Assume um carácter por meio do qual dão continuidade a suas tradições, seus valores, suas formas de organização social, de vinculação com a natureza e sua memória histórica. É uma celebração que pertence ao povo, mais que a igreja, é o povo quem define de modo autônomo a maneira como irão festejar ao santo.

Além de expressar uma identidade religiosa, expressa o pertencimento espacial e cultural. Gisela von Wobeser (2022), através de um estudo de caso acerca da festa da Candelária<sup>11</sup>, demonstra que características indígenas originárias podem ser observadas na sua celebração. O consumo de *tamales*<sup>12</sup>, por exemplo, característica principal desta festa, retoma um costume indígena. Já que segundo estudos, era comum em certas festas do México Antigo oferecer comida às deidades, acreditava-se que estes iriam se beneficiar através dos vapores que as comidas emanavam. Algo similar é pensado quando se colocam os alimentos nos altares de *Día de Muertos*, da mesma forma que se realizam as oferendas alimentícias na festa do

---

<sup>11</sup> Realizada no dia 02 de fevereiro no México e em outros países católicos, se celebra o “Día de la Candelaria”. Trata-se de uma das festas populares mais importantes do catolicismo.

<sup>12</sup> Do náhuatl “tamalli”, é um alimento de origem indígena das culturas mesoamericanas. Geralmente preparado a base de milho, podendo ser recheado com carne, vegetais, molhos e outros ingredientes.

Sagrado Corazón de Jesús. Essas reminiscências religiosas do México Antigo presentes no período atual, através de expressões culturais como a aqui analisada, são resultado das raízes originárias da cultura indígena. Marcadas tão fortemente por sua relação com o território, se fusionaram dando origem a espaço único e carregado de resistências culturais.

A resistência cultural se configura, conforme Baeza (2000 apud BENÍTEZ; LEVI, 2012, p. 258), a partir da construção de um espaço socializador que permite reproduzir crenças coletivas baseadas nessas tradições, de cultura e de identidades. A religiosidade popular dá coesão e força para a comunidade, ela também é luta. Isso explica sua resistência à deterioração: ela foi, entre outros valores culturais dos povos originários, um sólido reduto para resistir aos embates do tempo e da história, como a colonização e as guerras, por exemplo. Trata-se de uma defesa de tradições que respondem a outros significados carregados de valores. O choque que houve entre essas duas culturas culminou no resultado de uma outra que, em uma mistura, se converteu em algo único. A festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús possui as características apresentadas, sendo um ambiente onde os habitantes de Ixtlahuaca conseguem resgatar parte de sua herança cultural mazahua. Permitindo observar características originárias de sua cultura na sua celebração e organização, que por sua vez só é possível através do esforço coletivo da comunidade. Tendo explicitado o conceito de festa e as representações que dela se desprendem, se faz necessário entender a formação do território onde ela é realizada. Já que mudanças políticas e territoriais, na grande maioria das vezes, culminam em transformações culturais e religiosas.

## 2.1 A ZONA DEL MAZAHUACAN: LUGAR DE ORIGEN

Durante o período conhecido como México Antigo – momento que abarca desde o início das formações das sociedades ao redor de 8000 A.E.C e vai até 1525 D.E.C, com a execução do último Tlatoani<sup>13</sup> mexicana, Cauhtémoc –, inúmeras populações originárias surgiram ao longo do que se entende por região Anáhuac. Essa região se estende desde a costa oeste mexicana, no atual estado de Veracruz, passa pelo centro do México e abarca até a costa leste, no atual estado de Guerrero. Essas populações ao longo de suas peregrinações, assentamentos, conflitos e relações, foram se constituindo por uma relação mutua de convivência social através da mescla de suas crenças e principalmente por suas influências religiosas e políticas. Dentro deste

---

<sup>13</sup> Tlatoani é uma denominação oriunda do idioma indígena náhuatl, a língua falada pelos mexicas, usada para designar os governantes dos “atlépetl” ou cidades.

contexto encontra-se a zona del Mazahuacán<sup>14</sup>, uma importante zona de comércio que permitiu o contato entre diferentes culturas. Hoje, parte deste território é denominada como Ixtlahuaca de Rayón que corresponde a um município localizado ao norte do atual Vale de Toluca. As constantes migrações e o contato social com diferentes grupos étnicos, tais como os toltecas, otomies, matlazincas e tarascos, permitiram o surgimento da língua mazahua. Conforme apontado por Clavijero (1978): “os mazahuas formam parte da nação otomí, já que seu idioma é parte de uma mesma língua e estes [indivíduos] se encontravam assentados aos montes ocidentais do Vale do México [...] (CLAVIJERO apud ALCÁNTARA, 2019 - 2021, p.1, tradução nossa)”.

Essa zona de comércio, onde distintas culturas coexistiam, foi o elemento que proporcionou o surgimento da cultura mazahua. Dando origem ao território hoje conhecido, e aqui estudado, por Ixtlahuaca de Rayón. Atualmente, os mazahuas constituem o povo indígena originário mais numeroso do Estado do México. Segundo o *Consejo Estatal para el Desarrollo Integral de los Pueblos Indígenas del Estado de México* (CEDIPIEM), os municípios que concentram maior parte dessa população são: San Felipe del Progreso, Atlacomulco e Ixtlahuaca. Seus assentamentos e cultura religiosa remontam os tempos do México Antigo, onde estas reminiscências religioso-espirituais continuam presentes em diversas manifestações religiosas tal qual a festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús, realizada neste município. Entende-se que esta área é um berço cultural e religioso, já que ali se desenvolveu essa importante zona de comércio que recebeu influência de distintas culturas, inclusive da teotihuacana. Essa troca cultural e religiosa culminou no nascimento da etnia mazahua, que sob suas circunstâncias desenvolveu uma pequena sociedade baseada na sua cosmovisão e religiosidade. Como uma das partes mais sensíveis de todas as sociedades, a religião é um fator social que conserva em si mesmo um discurso que garante a identidade cultural dentro de uma sociedade (CRUZ, 2013, p. 49).

Os mazahuas formam um grupo que é considerado como uma das primeiras manifestações culturais assentadas no altiplano central<sup>15</sup>. Ao que parece indicar nas escavações arqueológicas realizadas no Vale de Ixtlahuaca, esse grupo provavelmente já se encontrava assentado no Vale de Toluca desde tempos muito longínquos. Já que, acredita-se ter sido encontrados alguns vestígios mazahuas que provavelmente datam do século IV posterior à era

---

<sup>14</sup> Termo utilizado para denominar a zona ocupada pela etnia mazahua que habitavam entre as antigas “atlépetl” (cidades ou “pueblos”) de Xocotitlán e Xiquipilco, embora não se estabeleçam limites específicos em torno desta zona.

<sup>15</sup> O termo altiplano central faz referência ao centro do México.

comum, e com segurança em afirmar, desde o período pós-clássico. Sobre isso, “os arqueólogos têm tido muita dificuldade em determinar com exatidão os vestígios arqueológicos mazahuas pelo fato de que este grupo étnico conviveu com otomies, matlazincas e ocuiltecas, pelo qual sofreram uma notável aculturação” (GUTIÉRREZ, 1979, p. 89 apud GOVEA, 2019, p. 6, tradução nossa).

No povoado de Los Reyes por exemplo, localizado em Jocotitlán (município proveniente da antiga atlépetl Xocotitlán), mais especificamente aos pés do cume sagrado, foram encontrados vestígios datados do período clássico. Esse fator demonstra que tal área apresenta uma presença etnológica teotihuacana, possivelmente em decorrência do intercâmbio comercial de produtos tais como a madeira, coelhos e veados. A Zona del Mazahuacán comercializava com os teotihuacanos, permitindo que os habitantes da cidade dos deuses possuíssem um comércio a longa distância e exercesse controle sobre suas zonas de abastecimento. Embora tenha-se tais conhecimentos a respeito da zona estudada e conforme apontado por Govea (2019), historiadores e arqueólogos ainda não chegaram a um comum acordo sobre a procedência do povo mazahua, nem de quando chegaram exatamente ao Vale do México, inclusive existem algumas versões no que diz respeito à origem do nome mazahua.

Acerca das versões sobre a origem de seu nome, podemos citar a de Bernardino Sahagún (GOVEA, 2019) que faz referência ao seu líder Mazatecutli ou Mazahuacóatl, seguindo a mesma lógica que a dos otomis, que faz alusão ao seu líder Otomil. Uma das versões diz respeito a etimologia nahua que significa “gente de veado” ou “aqueles que possuem veados”, já que acredita-se que assim foram chamados por serem uma população caçadora de veados. Enquanto outra versão aponta que receberam esse nome pelos seus vizinhos otomis, que os chamavam de maneira depreciativa como “aqueles que falam como veado”. Ao fim e ao cabo, independente de qual tenha sido a situação que originou o seu nome, os mazahuas terminaram por receber seu nome como “gente de veados ou dos veados”. Porém se faz importante ressaltar que essa terminologia está baseada no nahuatl (língua indígena proveniente dos aztecas/mexicas), atualmente, os mazahuas possuem um termo próprio por eles desenvolvido em sua língua: “jñatro” “os que falam a língua”. Colocando em voga sua luta por reconhecimento e autoexpressão de sua cultura por meio da oralidade, uma ferramenta de transmissão histórica. A língua mazahua é um verdadeiro idioma, segundo a classificação de Mauricio Swadesh<sup>16</sup> ela pertence ao grupo otomangue, do tronco otopame e da família Otomi-Mazahua. Está

---

<sup>16</sup> Morris Swadesh, estadunidense-mexicano conhecido no México como Mauricio Swadesh. Foi um dos fundadores da Associação Internacional de Linguística, junto de Claude Levi-Strauss, Roman Jakobson e André Martinet.

relacionada intimamente com o Otomi, separando-se deste em sua origem, e pela mesma razão é considerada uma língua autônoma (GOVEA, 2019, p. 10).

Durante a conquista, todo o Vale de Temascalcingo (território correspondente a parte da Zona del Mazahuacán) foi um espaço onde ocorreram inúmeros assentamentos humanos da família otomana. A família linguística otomana foi a única na Mesoamérica a ocupar um território contínuo que correspondia a grupos pertencentes de dois tipos de cultura basicamente distintos: os otomis, mazahuas, matlazingas e ocuiltecas, de cultura Mesoamericana; e os pames e chichimecas como caçadores coletores. (GOVEA, 2019, p. 7). Os mazahuas foram dominados pelos mexicas definitivamente em 1485, onde depois de convertidos em aliados foram utilizados como soldados. As grandes construções, como a do Teocalli Mayor, por exemplo, contaram com a força de trabalho mazahua.

Ao fim do ano de 1521, data de chegada a Toluca da expedição de Gonzalo de Sandoval, os mazahuas são subjugados por parte dos espanhóis. A dominação dos espanhóis afetou os mazahuas de maneira muito profunda, como a umidade que se alastra parede adentro. Transformaram seu espaço físico que, conforme o que vimos ao longo desta investigação, é o componente principal da sua cosmovisão. Seu território, que era sagrado, foi rapidamente usurpado pelos espanhóis. A região noroeste do território mazahua teve suma importância depois da conquista basicamente por duas razões: a primeira é porque constituía o caminho mais curto entre Michoacán e México, o que facilitava a conquista das terras purepéchas<sup>17</sup>; e a segunda se deve a sua zona de extensos vales onde se cultivou trigo e amplas áreas de exploração mineira.

Sendo assim, essa extensa e importante área ocupou um papel crucial durante a conquista dos espanhóis. Pois, conforme explicitado acima, tal região permitiu a constituição de uma forte ligação entre ambos estados facilitando a marcha espanhola até a destruição. Seu sistema econômico colonial os condicionou a fazendas, zonas de produção e exploração mineira por meio da sua força de trabalho, força essa extorquida mediante aos sistemas encomenda e a repartição da população indígena. Isso se deu principalmente porque durante a conquista das terras indígenas, Ixtlahuaca de Rayón, agora reconhecida como vila, tornou-se cabeceira de congregação. Desta forma, trabalharemos no próximo tópico a questão em torno do que a nossa análise propriamente dita irá tratar: o papel de Ixtlahuaca enquanto território de doutrinação.

---

<sup>17</sup> Os purepéchas são um povo indígena habitantes do estado de Michoacán, localizado no México.

## 2.2 IXTLAHUACA DE RAYÓN, JYAPJÚ: A TERRA NA PLANÍCIE

O município de Ixtlahuaca perpetua a cultura de suas origens etnológicas até os presentes dias. Diversas manifestações culturais são perceptíveis nas atividades cotidianas da cidade, dentre as quais ganha o destaque os mercados de bairro<sup>18</sup>, por exemplo, e de festejos e comemorações, como o aqui analisado. Substituindo deuses por santos, festividades agrícolas por festas do calendário litúrgico e a apropriação de templos por igrejas catequizadoras. A região do Vale de Toluca e seus arredores foi um dos primeiros lugares a serem evangelizados devido à sua proximidade de lugares importantes como Xilotepec, Michoacán, os vales do México e Puebla. Dentro deste contexto de dominação espiritual e política, no ano de 1548 a cargo da ordem franciscana, foram introduzidos os santos padroeiros e Ixtlahuaca recebe a San Francisco.

Segundo Sergio Alcántara (2019-2021), com as políticas de organização territorial buscou-se definir o controle político e religioso, levando a Coroa Espanhola a colocar em prática uma política para congregar de “maneira definitiva” aos mazahuas. No dia 7 de abril de 1593 (ALCÁNTARA, 2019-2021) Ixtlahuaca foi definida como “cabeceira”<sup>19</sup>, contemplando distintos bairros dos quais habitavam comunidades mazahuas, realocando-os para uma concentração ao redor de uma igreja principal. Essa realocação culminou na formação de povoados ao redor da cabeceira principal, dentre eles encontra-se o de San Ildefonso, localidade onde se realiza o festejo ao Sagrado Corazón de Jesús. Os mazahuas, antes assentados de maneira dispersa nos pés de seus cumes sagrados, tiveram seu imaginário coletivo bruscamente transformado devido ao processo de mudança ocasionado pela congregação em massa dos povos indígenas.

Por ver seu espaço ritual afetado pelas congregações, os mazahuas resistiram perante as políticas novo-hispanas. Alcántara (2019-2021) toma como um dos exemplos disso o próprio projeto de congregação, com o qual os espanhóis pretendiam reduzir as inúmeras festividades que os povos indígenas realizavam. Pois, ao organizá-los em quadras e ruas ao redor de uma igreja, as diferentes celebrações ficariam sujeitas a “cabeceira”, sendo permitida somente uma festa por povoado. Segundo as normas da política espanhola de organização territorial, as

---

<sup>18</sup> A tradição dos mercados a céu aberto, ou de bairro, é uma tradição indígena que remonta aos períodos do México Antigo. Conhecidos como “tianguis” (palavra procedente do náhuatl “tianquiztli”, que significa “mercado público”), é um lugar de vendedores ambulantes, de troca, compra e venda. Desde animais vivos ou mortos, até roupa, frutas e verduras. Uma prática comum existente em todos os bairros da república mexicana.

<sup>19</sup> Termo utilizado para definir povoados ou localidades que receberam congregações de evangelizadores, tornando-se o centro destas (suas “cabeceiras”).

comunidades são concebidas como vila quando estas contam com uma igreja que abriga a um santo tutelar, ou patrono. Conforme aponta Alcántara (2019-2021), o santo foi o ponto central onde os habitantes mazahuas se articularam de maneira social e religiosa. Deste modo, a imagem de seu santo patrono católico adquiriu elementos de suas antigas deidades, permitindo que novas raízes se criassem no novo espaço territorial que foram condicionados. Por meio da mistura de tradições originais e espanholas, as festividades foram modificando-se de acordo com o espaço.

Nesse sentido, uma etnia que tem sua base cosmogônica construída através da observação e percepção do seu entorno, viu-se enquadrada dentro de sítios dos quais não pertencia originalmente. Conforme explicitado acima, a Zona del Mazahuacán era um território chave para a conexão entre os estados do México e Michoacán, contando com uma vasta área de exploração mineira e de plantio. Ao ter uma cabeceira de congregação instalada nesta zona, agora em Ixtlahuaca, os habitantes dessa região passaram a ver seu entorno ser alterado cada vez mais. Antes assentados em seus lugares de origem podiam observar elementos da natureza que os conectam com o divino em diferentes manifestações. Após a congregação em massa, realocados em um espaço minúsculo em comparação ao de sua origem, estes indivíduos tiveram seu entorno alterado por agentes externos. Já não podiam observar a natureza em sua magnitude, pois estavam realocados em lugar conveniente para igreja católica, para mantê-los sob controle. Com o entorno alterado, altera-se a maneira como se expressam e se identificam no espaço territorial. Como poderiam identificar-se, se tudo aquilo que lhes era sagrado fora roubado com uma única ceifada? Lhes restava alterar-se, ainda que involuntariamente, da mesma forma que alteraram seu espaço físico: por meio de agentes alheios.

Como agentes alheios entende-se o estado e a igreja que, para esse então, era difícil desassociar a figura civil da figura divina, já que o estado era absolutista e o vice-rei (máxima autoridade na agora Nova Espanha) era a representação de deus na terra. Vemos aqui o modo como essas mudanças políticas e territoriais resultaram em transformações culturais e religiosas para esses indivíduos. Se observarmos a festividade, os manifestantes do culto e devoção ao Sagrado Corazón de Jesús foram “escolhidos por deus” tal qual o monarca inserido no estado absolutista. Lembre-se que na França, o seu culto e propagação deu-se em parte pelos franciscanos da Companhia de Jesus, os quais também predicam características como as do Sagrado Corazón: as de consagração e reparação. Compreendemos então todo o contexto histórico do qual está inserido o objeto de estudo da presente investigação. Tendo São Francisco instaurado como santo patrono de Ixtlahuaca em 1548, esta como cabeceira de congregação, pode-se entender que o culto e devoção ao Sagrado Corazón de Jesús tenha vindo da Europa

com os franciscanos. Onde o culto surgiu em decorrência do crescimento do protestantismo, que ameaçava a ordem da igreja católica, colocando essa entre a cruz e a espada. Momento que facilitou o surgimento de figuras messiânicas que, em decorrência do cenário que faziam parte, fomentaram um culto constituído das características de consagração e reparação. Características muito propícias para o cenário no qual essa devoção surgiu.

Sendo assim, se observarmos o cenário em que se encontrava Ixtlahuaca após a instauração do culto na Europa, podemos ver inúmeros povoados mazahuas concentrados ao redor de igrejas que possuíam uma função crucial: restaurar a fé destes indígenas na consagração dos ritos católicos. Aqui vemos claramente o que todo esse processo custou dos mazahuas: as suas crenças foram completamente desrespeitadas e alteradas - assim como seu entorno físico -, sua maneira de viver também foi alterada em favor de uma produção exploradora da terra e de mão de obra. Assim como alterou-se sua maneira de festejar aos seus deuses e divindades, agora convertidos em santos. Para isso, iremos de encontro ao último ponto desta trilha epistemológica que viemos construindo ao longo deste trabalho: analisaremos lâminas dos códices em comparação a fotografias extraídas pela autora, a fim de evidenciar que mesmo perante aos percalços impostos pela invasão e doutrinação forçada, os mazahuas, ainda que com alguns elementos folclóricos, dão continuidade de um modo significativo as suas características originárias.

### 2.3 CARACTERÍSTICAS ORIGINÁRIAS

Entende-se por características originárias, toda e aquela característica que remonte ao seu passado indígena e que faça parte da festa aqui analisada. Essas características se repetem na festa patronal aqui analisada, embora a autora tenha notado em 2019 um elemento a mais que pode ser percebidas em outras festas patronais<sup>20</sup>. A observação, assim como na cosmovisão mazahua, constitui um elemento importante nesta pesquisa, pois esta se encontra como um agente importante no que diz respeito à análise das reminiscências religiosas do México Antigo, presentes no México atual. Em uma visita, na realização da festa patronal do Sagrado Corazón de Jesús no ano de 2019, fora notado que essa se constituía de uma organização e ritos baseados na herança cultural indígena. Constatado através das vestimentas carregadas pelos dançantes, onde caracterizados com elementos originários produzidos pelo mesmo grupo – como a pintura

---

<sup>20</sup> Para contextualizar, ver: RAMÍREZ, Yousy Baby. **Las fiestas patronales:** apuntes para su estudio. Revista Caribeña de Ciencias Sociales. ISSN: 2254-7630. Junio, 2019.



de pele, os enormes penachos, os escudos chamados de “chimalli” e chocalhos – executam seu característico baile. Essa aura coletiva é construída pelos próprios dançantes, mas também pela comunidade que na coletividade torna possível a festa. Tais características aqui apresentadas são um conjunto de elementos possíveis, que permitem o acesso a essas manifestações de um passado comum, baseadas na sua cosmovisão. Ao serem analisadas em comparação com os fatos históricos apresentados sobre a localidade, apresentam-se como a materialização das reminiscências religiosas antigas neste cenário atual: características tradicionais indígenas observadas em uma festa patronal de um santo cristão.

Neste caso, foram elencadas cinco características: as vestimentas, as danças (esta vem acompanhada da música), os penachos, e as oferendas. Todas essas são apresentadas com um fortíssimo rigor na festa do Sagrado Corazón de Jesús, podendo ser observadas em fotografias realizadas nos festejos de 2019, como trabalho de campo, e em 2022 do acervo pessoal. O recurso serve para visualizar as características observadas, onde as fotografias aqui anexadas revelam os aspectos tradicionais ritualísticos. Sendo um reforço para fixar a discussão teórica, realizada em relação às organizações, práticas e ritos existentes na festa do Sagrado Corazón de Jesús. Nas iconografias são observados os altares com alimentos postos para oferenda, bem como é possível visualizar o fumo sendo queimado para bendizer os locais onde a festa é realizada. Os próprios dançantes com as características apresentadas são vistos nas imagens, junto de detalhes de suas vestimentas e instrumentos utilizados. A análise se iniciará pelas vestimentas, um dos elementos fundamentais observados nesta festa em particular, onde a título de comparação encontram-se representadas nitidamente nos antigos códices de manuscrito indígena. Antes disso, se faz necessário estar atento a um ponto importante: desafortunadamente, os mazahuas não conservaram nem códices, nem testemunhos escritos em seu idioma *jñatro*. A memória histórica dessa etnia se dá através da tradição oral, pois a oralidade expressa noções sócio-históricas transmitidas por gerações (GONZÁLEZ et al., p. 30).

Nesse sentido, ao entender que a cosmovisão mazahua se forjou da observação do entorno em conjunto de reminiscências religiosas mesoamericanas, em decorrência do seu contato com outras etnias na Zona del Mazahuacán, optamos por utilizar lâminas do Códice Florentino, produzido através de relatos indígenas logo após a invasão e conquista. Observemos o extrato da lâmina 19 (Figura 1) contida no Códice Florentino, desenvolvido pelo frade Bernardino de Sahagún no século XVI como uma tentativa desesperada de recuperar parte da história indígena que havia sido destruída desde a chegada de Cortés, com a derrubada das figuras sagradas e a profanação dos templos junto do genocídio decorrente da escravidão. As

ditas lâminas foram extraídas do acervo digital do Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH).

Figura 1 – Lâmina 19, Códex Florentino, séc. XVI



Fonte: ESPAÑOL: Florentine Codex (16th-century). 2014. 1 fotografia. 538x551 pixels. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex\\_Florentino\\_Lam19.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex_Florentino_Lam19.jpg). Acesso em: 29 set. 2022.

Aqui podemos elencar três das cinco características apontadas acima. As vestimentas compostas de mantas brancas, e às vezes de pele de animais curtidas, são representadas na figura com nós nos ombros e com decorações em vermelho em suas laterais. A presente iconografia também nos dá a impressão de movimento, tornando evidentes mais duas das cinco características indicadas: a dança e a música, essa última sendo representada através dos instrumentos. E por fim, podemos notar os penachos, representados com três penas verdes nesta lâmina, como a quarta característica. Lembre-se que a oralidade é o ponto chave desta etnia, sendo ela instrumento no qual características (compostas do entorno natural divino) são expressas em narrativas. Onde estas narrativas dão espaço para que se construam identidades, que por sua vez podem ser expressas em festividades ritualísticas, como o Sagrado Corazón de Jesús. Elencadas as quatro primeiras características originárias representadas no Códice Florentino, chamamos a atenção agora para as próximas figuras. Através delas podemos observar as reminiscências religiosas deste passado, representado aqui na nossa fonte histórica, expressas nas manifestações atuais deste culto religioso. A partir dela teceremos nossa análise comparativa entre esses elementos, observemos:

Figuras 2 e 3 – Fotografias de dançantes da festa do Sagrado Corazón de Jesús realizadas dia 27/06/2022, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Com base em tudo o que discutimos até o presente momento, observa-se nessas fotografias dois elementos principais dos acima elencados: as vestimentas e os penachos. Ao serem comparadas com a lâmina lida acima, a diferença entre tais características é bastante nítida. As vestimentas, por mais que continuem a seguir um padrão de cobrir todo o corpo - independente do gênero -, essas agora assumem alguns elementos pictográficos proveniente dos códices (como o aqui utilizado com fonte) em suas decorações, bem como possuem uma paleta de cores mais ampla. Os elementos pictográficos, neste caso, atuam como adorno ou decoração, já que não possuem ligação direta com o povoado onde se realiza o festejo. Porém podemos nos atentar a um elemento crucial: a imagem do Sagrado Corazón em suas costas. Esse forte elemento da igreja católica se vê marcado nas vestimentas não por acaso, isso se dá em decorrência da catequização em massa realizada com os mazahuas por parte dos evangelizadores.

Conforme exposto ao longo de nosso trabalho, essa etnia foi catequisada de uma maneira brusca na medida em que os sacerdotes da igreja católica foram se sentindo cada vez mais “acurrados”. Isto é, com os indígenas assentados em quadras minúsculas ao redor das igrejas e com suas festas reduzidas a um número exorbitantemente menor que o de costume, os evangelizadores se viram na necessidade de os catequizar com a maior pressa do mundo, tal qual fizeram com a casta sacerdotal mexicana após a tomada de Tenochtitlán por parte dos espanhóis. Os resultados dessa catequização forçada realizada sem respeitar as crenças dos

indígenas, seus costumes e sua religiosidade, podem ser observados nitidamente em elementos como o da fotografia acima. A vestimenta, como característica originária aqui analisada, além de ser um elemento onde se recupera e se acessa na materialidade esse passado arraigado na terra, também representa essas chagas ocasionadas devido ao choque de sua religiosidade com a religiosidade cristã. Algumas mudanças podem ser observadas também nos penachos, por exemplo. Se atentarmos ao códice, este os representa com três ou quatro penas no máximo, isso se dá porque na grande maioria das ocasiões eram os governantes quem portavam os penachos mais exuberantes e produzidos. Os dançantes, por sua vez, utilizavam-se de penachos menores. Nas características atuais do festejo, observamos enormes penachos com penas coloridas as vezes falsas e as vezes extraídas das aves da região.

Esse elemento, por mais que tenha sido alterado, representa um ponto importante da festa. Pois esta é construída na base da coletividade, da mesma maneira que a sua sociedade opera, o hábito de costurar os penachos é feito no coletivo também, reforçando cada vez mais a identidade e autoexpressão dessa etnia em específico. Por mais que hoje em dia, essa característica apresente alterações nítidas do que uma vez foi em seu passado, a sua função na festa continua garantido o espaço de construção de uma identidade em comum. Permite que aqueles que a celebram acessem o seu passado de um modo mais material, observando as reminiscências que restaram do México Antigo, porém com elementos e fazendo contraste com as características presentes no México atual. Essas características formam parte de um componente importante nessa festa, a dança. Tal elemento pode ser analisado em conjunto de seu fiel escudeiro: a música, essa representada por meio de instrumentos na Lâmina 19 do Códice Florentino. Embora alguns instrumentos não sofram tantas alterações, como os que veremos a seguir, encontramos outros – como o violão visto na Figura 3, por exemplo – presentes no dito festejo. O violão, por exemplo, não é considerado um instrumento originário já que sua invenção é datada do século XIX. Nesse sentido, observemos a próxima fotografia:

Figura 4 – Fotografia de músicos da festa do Sagrado Corazón de Jesús realizada dia 26/06/2019, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Assim como na leitura da Lâmina 19 (Figura 1) a Figura 4 também nos dá a impressão de movimento quando observamos as posições dos braços desses dois músicos pertencentes a grupos familiares próximos. Ao compararmos a Figura 1 com a Figura 4 podemos observar claramente a semelhança entre os instrumentos utilizados, sendo estes de percussão como o *huéhuetl*<sup>21</sup>, por exemplo, tocado com o auxílio de baquetas. Identificamos aqui nesta festa outra característica originária que alude ao seu passado, representada tanto no códice como na fotografia capturada pela autora no festejo realizado em 2019. Com ela também podemos elencar um fator importante na construção da festa, essa construída coletivamente, onde se acostuma a que membros de uma mesma unidade familiar, ou próximos a ela, atuem em distintas responsabilidades para que o festejo se concretize em seu maior esplendor. Aqui podemos ver dois membros de grupos familiares muito próximos em um ato onde chamam aos dançantes (que podem ser observados nas Figuras 2 e 3) para que se integrem ao culto. A maneira como são chamados, descrita no início do presente capítulo, se destaca pelo som dos batuques que se mescla com a dança em uma harmonia quase que ancestral. Tornando cada vez

---

<sup>21</sup> Instrumento construído através de troncos de madeira que estavam ocultos por dentro, colocado verticalmente e aberto no fundo. Podendo ser repercutido com as mãos ou com o auxílio de baquetas. Uma prática comum nas culturas Mesoamericanas, inclusive na Maya.

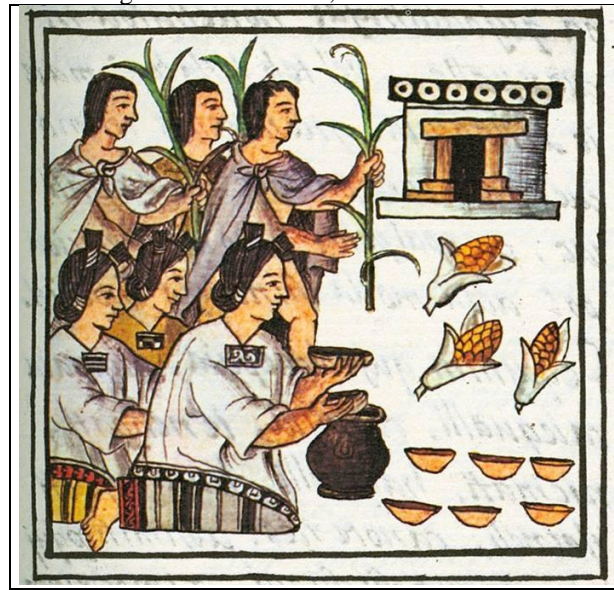
mais palpável e passível de total admiração e observação essas reminiscências que, mesmo com certos tipos de mudanças, constroem essa identidade baseada na autoexpressão.

Tendo quatro dos cinco elementos elencados analisados e comparados, podemos visualizar e compreender a maneira como essa festa apresenta características originárias do México Antigo no México atual, mesmo que com suas diferenças. Essas mudanças podem ser observadas em outro fator muito característico das festas mexicanas na atualidade: a oferenda. A oferenda é uma característica presente na grande maioria dos festejos mexicanos realizados atualmente, ela pode ser vista na festa da Candelaria – aqui utilizada como exemplo -, na celebração do Dia de Muertos e também em festas patronais como as de San Pablo em Tlachichilpa, outro território de identidade mazahua no Estado do México. A sua prática está relacionada com a sua maneira de comunicar-se com os seus deuses antigos, já que acreditavam que com a queima de fumo e de alimentos realizada nas oferendas, os deuses poderiam se beneficiar agarrando força através dos vapores emanados.

A título de comparação e de breve contextualização, na festa da Candelária se oferecia aos deuses uma festividade denominada *Huauhquiltamalqualitzli* oferecendo *tamales* aos deuses em decorrência do início do calendário agrícola (WOBESER, 2022). Em relação a festa do Sagrado Corazón de Jesús, essa festividade se realiza num momento em que a *milpa* está em seu pleno crescimento. Conforme dito anteriormente, as milpas são lugares onde, dentro da cosmovisão mazahua, torna o véu entre o mundo do homem e o dos deuses mais fino, permitindo ao indivíduo que se conecte com o indivíduo através de celebrações, como o festejo analisado, que em suas composições contem com características originárias de conexão ao mundo espiritual, como as oferendas. Observemos a seguinte lâmina:



Figura 5 – Lâmina 13, Códex Florentino



Fonte: CODEX FLORENTINO. [Sem título]. Séc XVI. 1 imagem. Disponível em: <https://pueblodelalunametzitzin.files.wordpress.com/2019/05/huey-tozotli.jpg>. Acesso em: 12 out. 2022.

Ao analisarmos a presente figura podemos observar seis indivíduos, sendo três homens com suas mantas tradicionais amarradas em nó nos seus pescoços e três mulheres com suas saias tradicionais, representadas com os símbolos dos três senhorios do qual faziam parte. Além da identificação dos indivíduos observamos a realização da oferenda propriamente dita, essa podendo ser vista através da representação do templo no canto superior direito, dos milhos e dos talos verdes representando as milpas e um conjunto de vasilhas no canto inferior direito. Essa prática, conforme explicitada acima, é muito comum nas culturas mesoamericanas em sua maioria. Além de ser um momento de conexão com o mundo divino de suas respectivas cosmovisões, era um espaço onde agradeciam o nascimento da milpa e pediam aos deuses que essa continuasse em seu pleno crescimento saudável. Já que a milpa, além de garantir a subsistência desses indivíduos, também era o local onde se plantavam os alimentos a serem consumidos pelos deuses.

A oferenda também vem ao auxílio daqueles que por desfortuna da mesma natureza, ou do sistema qual são impostos, não obtiveram um bom crescimento ou contam com enfermidades e dificuldades em suas famílias. Esse momento, além de agradecer pelas bençãos obtidas, também é permitido pedir aos deuses abundância para que possam seguir produzindo para sua sobrevivência e manutenção daqueles que vivem no outro lado do véu espiritual. Conforme dito, toda essa experiência é construída coletivamente entre as mesmas famílias e as comunidades como um todo. Pois não se considera algo negativo pedir pela saúde de seus entes queridos, visto que são esses os responsáveis por operar as engrenagens dessa sociedade seja

por meio da milpa (meio de subsistência) ou através das festividades. Já que realizando essas atividades coletivamente, garantem a sua existência plena no plano terrestre bem como garantiam que aqueles que se encontram no plano divino, os deuses, continuem a olhar e bendizer aqueles que aqui na terra os clamam e os mantem vivos por meio destas práticas. Nesse sentido, observemos nossas últimas figuras para concretizar a análise:



Figura 6 – Fotografia de oferenda com queima de fumo da festa do Sagrado Corazón de Jesús realizada dia 27/06/2022, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Figura 7 – Fotografia de oferenda com frutas e quadro com imagem católica, realizada na festa do Sagrado Corazón de Jesús dia 27/06/2022, em Ixtlahuaca de Rayón no povoado de San Ildefonso, Estado do México



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Em comparação com Figura 5 podemos elencar alguns elementos que foram alterados ou até mesmo agregados, como por exemplo o altar e a imagem do santo nas figuras 6 e 7. Vimos na presente investigação que a maneira de realizar as suas oferendas era feita anteriormente nas milpas, geralmente a noite segundo a cosmovisão mazahua. No atual festejo observamos como o altar foi inserido nessa prática religiosa, entendemos a inserção do altar como outra chaga do catolicismo. Já que o costume dos indígenas era de realizar as oferendas

quando não nas milpas nos templos (vide Figura 5 canto superior direito), o altar vem sendo agregado a este e em outros ritos como uma mescla com os costumes impostos pela igreja católica. Já que em conjunto disso, temos também a imagem do Sagrado Corazón de Jesús propriamente dita representada em um quadro em cima do altar, tal qual a vimos e identificamos juntos ao abordamos a característica das vestimentas, por exemplo.

Essas são características das quais podemos observar de maneira clara o modo como essa catequização forçada ocorreu, deixando marcadas as suas sequelas. Porém nem do todo, a oferenda se constitui de características atuais ou forçadas. Podemos observar também, principalmente na Figura 6 onde é bem nítido, a queima de fumo como uma característica originária presente tanto no México Antigo, expressa através da Lâmina 13 do Códice Florentino (Figura 5), como no México atual. A que devemos atentar como uma prática onde através do vapor dava-se vida e alento aos deuses, para que estes continuem a olhar a comunidade e suas milpas. Somada a toda essa aura espiritual cosmogônica observamos na Figura 7 os outros elementos que compõem a construção da oferenda. A simples vista podemos elencar as frutas que, representadas com o milho na Figura 5, aqui são escolhidas a dedo pelos membros que realizam a festa. Devido a imposição católica, onde agora se adora a deus e não aos deuses, o costume de seguir escolhendo os melhores frutos e alimentos a serem colocados como oferendas continua sendo realizado pelos indivíduos organizadores do festejo. A oferenda pode ser um exemplo nítido da organização coletiva desta festividade, ao longo de todo o processo são pedidas colaborações em dinheiro para o manutenção da festividade. Essas colaborações não são vistas como “esmolas”, mas sim como uma oportunidade de contribuir ainda mais com o festejo e adoração aos seus deuses, nesse caso ao Sagrado Corazón de Jesús.

As oferendas também são realizadas através de procissões contendo muita música e dança, realizada pelos mesmos membros da comunidade. Nestes momentos vemos todas as características atuando em conjunto para que esse passado possa ser acessado por todos aqueles que fazem parte da organização, mas também daqueles que estão ali a título de observação. O espaço mítico e sagrado é construído através destas cinco características aqui elencadas, analisadas e comparadas, tornando possível acessar a essas reminiscências religiosas de um México Antigo no México atual. Presentes em um festejo que depende única e exclusivamente do esforço coletivo de toda uma comunidade, colocando em prática gerações de tradição cultural carregada de heranças originárias. Sendo realizada uma vez ao ano, a festa do Sagrado Corazón de Jesús incorpora em diferentes maneiras as suas características devocionais de consagração e reparação por meio das manifestações culturais e religiosas das características originárias indígenas.

## CONCLUSÃO

Sendo assim, nosso objetivo de realizar uma crítica analítica em relação ao sincretismo ocorrido nessa região em específico foi concretizado. Pois compreendemos que ao ter o seu espaço físico completamente alterado, esse sendo a base da sua cosmovisão e estilo de vida, os mazahuas se viram perante a mudanças territoriais, políticas e também as culturais e religiosas como o festejo aqui analisado. Através do método dedutivo, onde partimos do geral abordando as cosmovisões e seus conceitos, fomos analisando de maneira particular cada uma das reminiscências religiosas elencadas pela autora. Colocando assim de maneira concreta as características que sim aludem ao México Antigo de fato, como a dança e a música, as que sofreram alterações, como as vestimentas e os penachos e aquelas que contam com elementos novos, como a oferenda que atualmente é composta de um altar e da imagem do santo patrono.

Compreende-se então que além do sincretismo ocorrido em partes, elementos folclóricos são identificados no festejo atual. Quando se fala da alteração das vestimentas e dos penachos este, o folclore, é colocado em voga, já que auxilia na construção de uma ideia deturpada do indígena vestido em tanga carregando penachos enormes com penas coloridas e exuberantes. Embora em outras etnias isto sim seja uma característica originária, a etnia aqui analisada não faz uso desses elementos. Sendo expresso também nos códices, onde por mais que tenha sido escrito por espanhóis numa tentativa desesperada de recuperar a história dos indígenas, o Códice Florentino é uma das fontes da história indígena mexicana mais segura que possuímos até o presente momento. Utilizado aqui como fonte para realizar uma análise comparativa, é evidenciado que os penachos utilizados pelos dançantes originários não passavam de simples adornos. Já que os penachos produzidos com penas de aves da região, decorados com ouro e pedras como a jade, estavam resguardados aos mesmos governantes como máxima autoridade.

Nesse sentido entende-se que a festa está intimamente relacionada com o ciclo da vida, pois realizada em um momento especial (o de crescimento da milpa), adquire os elementos devotais de consagração e reparação a serem executados através de práticas religiosas que carregam as características originárias evidenciadas e concretizadas acima e ao longo do presente trabalho. Recordamos que a celebração ao Sagrado Corazón tem uma história de tradição na Europa que chegou ao antigo território mesoamericano, nesse então chamado de Nova Espanha, ao redor do século XVIII. Tendo presente que, como uma expressão cultural, se alimenta da sociedade que recebe o rito que a sua vez o alimenta com sua própria cultura.

Entendemos a religião como um fator social que conserva em si mesma um discurso que garante a identidade cultural destes indivíduos dentro de uma sociedade, como a aqui analisada. A festa do Sagrado Corazón de Jesús é uma celebração que pertence ao povo, mais que a igreja. Embora sua celebração se concentre em volta da figura do santo patrono, é a comunidade, é o povo quem decide de maneira autônoma o modo como irão festejar ao dito santo. É o povo que, trabalhando no coletivo, coloca em cima da mesa as cartas que os compõe enquanto indivíduos de uma mesma sociedade. É a comunidade quem escolhe os grupos dançantes, é em família que se colhem os alimentos a serem dados como oferenda aos deuses (ou ao Sagrado Corazón), são as pessoas que tornam esse momento um espaço ritualístico e ancestral conectando-se a si mesmas e aqueles que as observam ao seu passado que refletido em todas essas características continua ancorando-os ao solo como raízes profundas da sua própria terra.

Um autêntico pesquisador deve partir sempre da postura de estar aberto a mudanças e câmbios em relação ao seu trabalho, principalmente após se confrontar com os novos elementos que surgem ao longo da pesquisa. Portanto, toda e qualquer contribuição e reformulação que possam vir a ser produzidas posteriormente a publicação deste estudo, tornam esta investigação passível de contestação e crítica. Nesse sentido, entende-se que os estudos realizados acerca da etnia mazahua e da festa do Sagrado Corazón de Jesús especificamente no território tratado, são poucos ou nulos. Tornando a presente obra como o primeiro estudo realizado sobre o tema, produzido originalmente em língua portuguesa e na academia brasileira. Onde constatamos que através da observação e coletividade, essa comunidade dá continuidade ao seu passado religioso originário. Os espanhóis, ao evangelizar os mazahuas, não deram a devida importância que possuíam em relação aos outros grupos étnicos. Dessa forma, estudos e investigações que possam partir deles mesmos ou daqueles que prezam por sua permanência, tanto no âmbito epistemológico quanto no terrenal, consideram suas contribuições culturais extremamente valiosas. Ao ponto de perpetuarem suas reminiscências religiosas tanto em festividades como a do Sagrado Corazón, quanto na historiografia atual.

## REFERÊNCIAS

- ALCÁNTARA, L.H. Sérgio López. **Santo Domingo y San Bartolomé: dos pueblos originários del municipio de Ixtlahuaca, vistos a través de su tradición indígena.** Ayuntamiento de Ixtlahuaca, Gobierno Municipal, 2019-2021.
- ALEMÁN, Santiago Diác. Culto y devoción al Sagrado Corazón de Jesús, una aproximación histórica. **Revista Dios y el Hombre**, v. 2, p. 71-86, 2018.
- ARRIAGA, María Dolores Bravo. **Festejos, celebraciones y certámenes del siglo XVII.** Artículo ELEM/UNAM, Universidad Autónoma de México, México, 2018.
- BENÍTEZ, Gisela Landázuri; LEVI, Liliana López. La fiesta patronal de San Gregorio Atlapulco, México. Espacio de reproducción cultural e identitaria. **Revista Ra-Ximhai**, México, v. 8, n. 2., enero-abr., 2012.
- CAVALCANTE, Thiago L. V. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan./jun. 2011.
- CRUZ, Patsy Sarahi de la. **Menye, el espíritu del agua y la laguna en la historia propia de un Pueblo mazahua, San Pedro de los Baños, Ixtlahuaca, México (1936 - 2014).** Instituto Nacional de Antropología e Historia – INAH. SEP. Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología – CONACYT, México, D.F., julio, 2014.
- DELGADO, Manuel. **La magia, la realidad encantada.** 1. ed. Montesinos, Espanha, 1992.
- FIGUEREDO, Víctor et al. La cultura indígena en las ilustraciones de los textos escolares de Ciencias Sociales de la segunda etapa de la Educación Básica en Venezuela. **Revista de Pedagogía**, Caracas, v. 26, n. 75, 2005.
- CODEX FLORENTINO. [Sem título]. Séc XVI. 1 imagem. Disponível em: <https://pueblodelalunametzitzin.files.wordpress.com/2019/05/huey-tozotli.jpg>. Acesso em: 12 out. 2022.
- ESPAÑOL. Florentine Codex (16th-century). 2014. 1 fotografia. 538x551 pixels. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex\\_Florentino\\_Lam19.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex_Florentino_Lam19.jpg). Acesso em: 29 set. 2022.
- GONZÁLEZ, et al. SERRANO, David F. (org.). **La tradición oral de las comunidades mazahuas en el Estado de México:** Narrativa de la percepción del entorno natural y sobrenatural. Identidad, cultura y sociedad. FOEM – Fondo Editorial Estado de Mexico. CEDIPIEM – Consejo Estatal para el Desarrollo Integral de los Pueblos Indígenas del Estado de México. Toluca de Lerdo, 2019.
- GOVEA, Noé Jacobo Faz. **Mazahuas en el Estado de México.** Colégio de Cronistas, Dirección de Identidad Universitária, Plantel Sor Juana Inés de la Cruz. Agosto, 2019.
- LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional en México.** 1. ed. Fondo de Cultura Económica. México, D.F., 1977.

LIZCANO, Emmánuel. **Imaginário colectivo y análisis metafórico**. Congreso Internacional de Estudios sobre Imaginario y Horizontes Culturales, Universidad Autónoma de Morelos. Cuernavaca, 2003.

MARTÍNEZ, Marco Antonio Gutiérrez. **Popé (Po'pay) en la rebelión de los indios Pueblo de 1680**: estudios sobre los liderazgos en las rebeliones indígenas. Editorial Académica Española, 2021.

MEJÍA, Cristina Chávez; TORRES, Juan L. R.; VILCHIS, Johanna Guadarrama. Territorio e identidad mazahua en la fiesta patronal de San Pablo, Tlalchichilpa, Estado de México. **Revista de Geografía Agrícola**, n. 57, p. 7-18, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. p. 27-31.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, 117-142.

RAMÍREZ, Yousy B. Las fiestas patronales: apuntes para su estudio. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**. jun. 2019.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. **História Unisinos**, v. 18, n. 2, p. 218-232, maio/ago. 2014.

TONUCCI, Paulo Maria. **O Povo do Sol: os Mexicas**. São Paulo: Edições Paulinas. 1991.

WOBESER, Gisela von. **Fiestas romanas y tradicionales prehispánicas se conjugan en el día de La Candelaria**. Boletín UNAM-DGCS-083. Ciudad Universitaria, México. 31 de janeiro de 2022.